

1724
15 de ... de 1967
PROVA ENVIADA À CENSURA EM
N.º ... N.º «O TEMPO E O MODO» N.º ...

A=A
17



JOÃO BÉNARD DA COSTA

EUROPA E O FIM DOS HUMANISMOS

O espírito de Cristo nada tem que ver com estas distinções entre italianos e alemães, franceses e ingleses, ingleses e escoceses. Aonde encontraremos a caridade que nos faz amar nossos próprios inimigos, se uma mudança de nome, um modo de vestir um pouco diferente, um cinto, uns sapatos e outras misérias semelhantes levam os homens a odiarem-se uns aos outros?

SERVIÇOS DE CENSURA
CORTADO

ERASMO

Denn des ist Humanismus: Sinnen und Sorgen

HEIDEGGER

Três histórias e uma só moral

Albert Schweitzer narrou algures uma lenda africana que procura explicar as desigualdades de cor entre os homens. Ao princípio — diz a lenda — todos os homens eram negros. Adão o era, e como Adão seus filhos, Abel e

Ref. 1

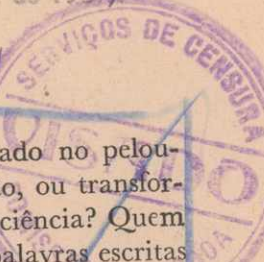
Caim. Após o crime deste último, o Senhor perseguiu-o e, encontrando-o perguntou-lhe: «Que fizeste do teu irmão»? Ao ouvir esta pergunta, Caim fez-se branco e a primeira frase que pronunciou nessa qualidade foi a negação famosa: «Porventura sou eu o guarda do meu irmão?». A partir desse momento, passaram os homens a distinguir-se pela cor da pele: a posteridade de Caim tomou a cor branca, a de Abel conservou a negra. E como o crime compensa sempre, não há que espantar que os descendentes do assassino hajam prosperado e que os do justo tenham sido, ao longo dos séculos, humilhados e ofendidos.

Se esta lenda traduz uma determinada visão que o homem negro tem do homem branco e que é, pelo menos, historicamente exacta, traduz ainda uma situação que, historicamente também, se atingiu e que não deixa de se prestar a algumas reflexões. Em pleno século XX, o homem branco — com o europeu confundido — surge perante a opinião judicativa dos outros povos, como réu e como réu culpado. Os seus crimes retiraram-lhe e pigmentação, a sua cor é uma cor de ausência e a única resposta que tem para dar é a imprecação egoísta. Poucas justificações apresenta, a sua razão de ser e o papel que no mundo possa ainda representar acham-se gravemente comprometidos.

Não é sem razão que, e agora pela própria pena de europeus ilustres, apólogos semelhantes se acham registados. Recordemos apenas o conto de Hermann Hesse em que, após novo dilúvio universal, em nova Arca de Noé, os cinco únicos representantes salvos aos cinco continentes falam das contribuições respectivas dadas à civilização universal. De todos, só um, o europeu nada tem de original a apresentar: de tudo que era alheio se serviu, nada de próprio encontrou ou inventou. Por isso, os outros o lançarão fora da barca. Não estamos muito longe da apóstrofe de Sartre: «*L'Europe est foutue. Une vérité qui n'est pas bonne à dire, mais dont — n'est-ce pas mes chers co-continentaux? — nous sommes tous entre chair et cuir convaincus*». A prova disso que a Europa está é que o autor do livro, onde Sartre deixou em prefácio as palavras transcritas, não se dá sequer ao trabalho de se dirigir aos europeus: «*On y parle de vous souvent, à vous jamais*»¹. Para Fanon tornámo-nos «objectos» da história. Com objectos não se fala.

As palavras e as coisas

Criminosos, egoístas, parasitas, inúteis, objectos da história. Uma tal visão, mais generalizada do que se convém, até pelo que contra ela se luta, donde brota, que raízes encontra? Como aconteceu que o comum orgulho



de pertencermos à «mãe das civilizações» se haja transformado no pelourinho onde o que de nós resta se pendura? Que transformação, ou transformações, ditaram esta crise de consciência, se não esta má-consciência? Quem pode ainda, mesmo entre aqueles que a negam, fazer suas as palavras escritas por Hegel há menos de duzentos anos: «Desde que os navios deram a volta ao mundo, o globo é para os europeus um círculo fechado. O que ainda lhes não pertence, ou não lhes interessa ou ser-lhes-á submetido»? O mais que os últimos defensores da superioridade europeia alegam em defesa dela (2) é o facto de algumas das suas nações conhecerem, como nunca, uma prosperidade reconfortante, das estatísticas apontarem números com tendência a subir em ritmo acelerado, da doce sociedade da abundância descer do lado de lá do Atlântico para inundar com seus frutos as velhas terras dos patrimónios maiusculados. Enquanto se aguarda — dizem-nos — que uma bandeira comum reúna novamente como um só rebanho estas prósperas pátrias em diáspora.

Os argumentos são fracos e estas vozes não calam a perturbação e inquietação patentes com que, pelo menos de há cinquenta anos a esta parte (3), os intelectuais e políticos europeus interrogam a Europa, auscultando o sentido possível que o termo possa ainda conservar, ou buscando fórmulas jurídicas que dêem realidade ao que, até sob essa forma, se vai revelando ficção. Uma longa série de ócos e balofos lugares-comuns é o mais que conseguiram encontrar para opôr um desmentido às teses negativas ou catastrofistas que, já no fim da primeira guerra mundial, Oswald Spengler anunciava, com o misto de lucidez e mistificação que a vocação de Cassandra quase sempre pressupõe.

Compulsemos a título de exemplo o volume dedicado ao primeiro dos Encontros Internacionais de Genebra, que naquela cidade decorreu em 1946, submetido ao significativo tema *O Espírito Europeu* (4). Oscilam as comunicações apresentadas entre o mais apocalíptico pessimismo e a mais duvidosa retórica. Folheando-as, e através do desigual valor de cada uma delas e de nomes tão diversos como Julien Benda, Georges Bernanos, Karl Jaspers, Stephen Spender, Jean Guehenno, Denis de Rougemont, Georg Lukács, em todas encontramos insólitas afirmações demonstrativas do que atrás se vem dizendo. Benda sustenta que «A Europa perdeu a consciência da sua unidade», que deixou de ser «o cérebro dum vasto corpo». Bernanos invectiva-a, achando «que a Europa tem máscara» (...) «Se decompõe» (...) «apodrece»; Jaspers alinha uma série de nomes e diz que «a Europa é o Bíblia e a Antiguidade (...) é Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, é Fídias, é Platão e Aristóteles e Plotino, é Virgílio e Horácio e Dante e Shakespeare, é Goethe, Cervantes, Racine e Molière, é Leonardo, Rafael, Miguel Angelo, Rembrandt, Velasquez, é Bach, Mozart, Beethoven, é Sto. Agostinho, Sto. Anselmo, S. Tomás, Nicolau de Cusa, Espinosa, Pascal, Rousseau, Kant,

Ref 1



Hegel, é Cícero, Erasmo, Voltaire (...) Rougemont entra em êxtase para proclamar que «a Europa é o pensamento do mundo» e terminar dizendo: «Pensando na Europa e na sua vocação mundial, convida-vos a dizer comigo: «Penso, logo nela existo!»; Guchénno sustenta, na esteira de Valéry, que a Europa é o novo Hamlet; Lukács profetiza um novo mundo e garante que só uma Europa socialista nele sobreviverá. A ilustração propositadamente caricaturiza e basta, pois o que sob a retórica quase se não oculta, é a trágica confusão entre as «palavras e as coisas», umas tomadas por outras à medida da vãos desejos e fundas alienações, que assim se não querem assumir, como ainda recentemente no lembrou Michel Foucault (5). Estas pseudo-definições duma pseudo-realidade estarão realmente longe do texto de Jorge Luís Borges que Foucault afirma ter-lhe servido de ponto de partida para o seu livro? (6). Não sentiremos perante elas o que o autor citado chama «l' impossibilité nue de penser cela?» (7). Creio que a resposta não oferece dúvidas. Mas vejamos.

A retórica parte geralmente da geografia, onde a Europa mais não é do que «pequeno cabo da Asia», na célebre expressão de Valéry, limitada pelos Urais e pelo Atlântico, para, nela suportada, se passar à ética, e logo é valor supremo, à sociologia, e portanto é super-estrutura englobante e englobalizadora, ou à metafísica e definem-na como princípio espiritual, ou «sendo» de qualquer Ser. Outras vezes, o princípio definidor é o da oposição e assimilando a Europa ao Ocidente é ela contraposta ao terrífico e mítico Oriente ao «Oriente budista, bramânico, sintoísta ao Oriente que tudo o que nós não temos» (8). Outras ainda, em termos mais caseiros, se diz que os europeus erros vêm de se não ter escolhido o Mediterrâneo contra o Atlântico, os Alpes contra os Urais, o cosmo-teologismo místico-existencial, contra o antropocentrismo racionalista. Vogamos num tranquilo mar de absurdo, que termos como Europa e Ocidente parecem irresistivelmente evocar, e que linha a linha se nos deparam nos discursos ou textos de quase todos os que, dos anos 30 aos anos 60, se tem ocupado com este tema e se tem perguntado: «O que é a Europa?»

O que é a Europa?

Para tentar encontrar uma resposta a esta pergunta, e mesmo para avaliar do hipotético sentido dela, forçoso é colocar a questão nos termos em que Jean Wahl a pôs em Genebra, objectando ao romantismo de Julian Benda (9), Se a Europa é uma realidade, ela só pode ser uma realidade de consciência ou, então, uma realidade histórica ou geográfica.

Ref 1



Se a tomarmos como uma realidade de consciência (além de nos termos de interrogar sobre que isso seja) teremos que afirmar qualquer coisa a que só nós damos realidade e que, portanto, «em si» não pode ser isto ou aquilo, ter ou não ter consciência disto ou daquilo; se a tomarmos como realidade histórica ou realidade geográfica, há que a definir cuidadosamente nesses termos e guardarmo-nos de extrapolações indevidas. Pois deve parecer evidente que o facto duma determinada porção da terra estar situada em tal ou tal região do globo não nos deve autorizar a inferir que exista um espírito comum a esses lugares; igualmente parece evidente que o facto de numa determinada época histórica (sempre mais limitada do que o queremos admitir) ter surgido nesses sítios esta ou aquela civilização nos não permite estabelecer uma relação de causa a efeito entre aqueles e aquelas.

Resta ainda observar que a definição por uma realidade geográfica só tem sentido quando a essas outras se opõem e que assim vamos cair nas dicotomias acima referidas (sempre muito mais do que geográficas) que, para além das falácias evidentes, a não poucos maniqueísmos tem conduzido. Bem demais conhecemos as trágicas consequências deles, que passaram ou passam pela pura e simples afirmação duma superioridade gratuita aos slogans da «defesa do Ocidente» e outros sonoros mimos que só não são ridículos pelo muito sangue que já fizeram correr. Historicamente, a outro lado, também não temos realidade alguma. Além do facto, sobremaneira evidente, da história da Europa estar ligada à de outros continentes (há quantos anos sabemos nós que «milagre grego» foi coisa que só existiu na mente de alguns românticos exaltados) subsiste esse outro que a secção de história em que algumas importantes conquistas espirituais e materiais partiram da Europa é demasiado estreita para que possamos ser conduzidos a qualquer essência dela.

Não sendo, pois, nem realidade de consciência, nem realidade histórica, nem realidade geográfica, e Europa não é realidade alguma (a menos que naquela visão que na Idade Média se chamava realista) e a pergunta que pergunta pelo sentido dela é uma pergunta que, ela mesma, não tem sentido. Europa nada mais é do que um nome de continente, que apenas nos permite certas analogias e certas associações que só são legítimas se por associações e analogias as tomarmos.

O que interessa, assim sendo, não é, pois, procurar um «espírito europeu» que é coisa que nunca existiu, existe ou existirá, mas interrogarmo-nos sobre o que uma dada evolução histórica ocorrida neste canto do planeta permite hoje que se aguarde dele. Ou seja, e por outras palavras, o que temos nós, europeus, obrigação de perguntar é o seguinte: quais as contribuições, que na era planetária que é a nossa, haverá a esperar do que resta da civilização greco-romano-cristã que, para bem ou para mal, se desenvolveu e subsiste no espaço geográfico conhecido pelo nome de Europa? Para que nos possamos inquirir — como notava Jean Wahl — se há contribuições específicas — e

Rlf 1



quais — que os homens e países ditos europeias possam prestar à civilização mundial para que nos encaminhamos na precisa época histórica em que vivemos.

É o que se tentará expôr de seguida, com duas ressalvas importantes e que devem ser sublinhadas: consiste a primeira no facto dos resíduos do que se convencionou chamar civilização europeia não serem idênticos em todos os países geograficamente na Europa incluídos: afigura-se claro que a periferia mediterrânica dela apresenta, hoje ainda, problemas mais semelhantes com os do chamado terceiro mundo, do que com os restantes do velho continente ⁽¹⁰⁾, como muito diversos são os problemas vividos pelos países do oriente dele; é a segunda a de que nada nos autoriza a supor que essa contribuição seja idêntica à que foi num passado mais ou menos distante, ou da que será num futuro que não sabemos qual seja: com adiante veremos, o que pode hoje ser original contribuição da chamada Europa pode estar mais próximo de contribuições que no passado doutros continentes vieram, do que daquelas que ela mesma forneceu; transformações políticas, económicas e sociais futuras podem bem levar a que essa contribuição outra venha a ser e que aquela que aqui propugnaremos para a Europa venha a provir, afinal, de outras paragens do planeta, quiçá de outros planetas.

O Fim dos Humanismos

E assim somos levados a debruçarmo-nos um pouco sobre a tão falada crise europeia, afim de nos interrogarmos, *atentas as reservas acima expostas*, no que essa crise é e significa. Será ela sem dúvida uma crise política, se traduzirmos este termo por uma quebra de influência ou de prestígio que poucos De Gaulles existem para negar: as duas maiores potências mundiais não são potências europeias ⁽¹¹⁾ e, se alguma coisa podemos profetizar, não o serão também aquelas que maiores probabilidades têm de vir a recolher o cetro destas: a China e as futuras potências africanas ou latino-americanas. Será uma crise económica, se nos não deixarmos iludir pelas estatísticas exibidas por estruturas ilusórias e olharmos para o insustentável parasitarismo sobre que vivemos: o neo-colonialismo pode alimentar muitas ilusões, mas por muito tempo que dure não durará sempre. Crise social sê-lo-á também num continente que exporta turistas ricos para os países pobres e importá trabalhadores pobres para os países ricos. Mas acima de tudo (ou pelo menos para o que mais nos importa) crise de cultura, crise de civilização, crise chamada espiritual.

Ref 1



É um facto, que não pode ser iludido, o de que nenhuma nova realidade espiritual dominante ou marcante, se produziu neste século em solo europeu. O marxismo, a psicanálise, as filosofias da existência parecem ter sido, até à data, as últimas produções da chamada civilização europeia e todas elas, embora com seu florescimento no século actual, remontam ao século XIX e radicam hoje, mais profunda e existencialmente vividas, fora do solo europeu. Daí que as últimas «modas» culturais lançadas na Europa decorram sobre o signo do impasse ou do fim próximo. Fala-se da crise ou «morte» das ideologias, põe-se em questão o papel da Arte e o seu lugar no futuro (após se lhe ter apressadamente vestido o figurino pragmático e utilitário que manifestamente lhe não servia), proclama-se o fim da filosofia, invocando os últimos dos seus grandes nomes quer o silêncio («*Aquilo de que se não pode falar deve o homem calar*» (11)) quer o poesia como lugar adequado às locuções com que o pensar metafísico tradicional se ocupou (o Heidegger dos *Holzwege*). A nova escola estruturalista francesa (Foucault, Althusser, Lacan) disfarça uma evidente impotência criadora com um criticismo acerado e, por vezes, lúcido e conduz Jean Paul Sartre o último filósofo encartado e actuante do país de Descartes, ao patíbulo filosófico, apelidando-o de último dos metafísicos e último dos filósofos (12). O papel da ciência é igualmente suspenso e suspenso e, cúpula do que muitos vêem como trágica derrocada, o humanismo, glória e cerne do chamado pensamento europeu, é examinado a nova e muito mais baça luz. Eis pretextos mais que suficientes para autorizar o brado «*L'Europe est foutue*»; eis igualmente, cremo-lo, perspectivas mais que suficientes para suscitar novas visões. Tentemo-las pegando, para tanto, na pega que o último conceito invocado — precisamente o de humanismo — nos oferece.

Não se trata, é evidente, de discutir aqui o que humanismo seja, mas, outrossim, de, examinando as suas premissas, descortinar o que este termo pôde ou pode em si alimentar e o que a sua ausência ou falência pode permitir. É sintomático que a última metafísica em tempo lançada — o existencialismo — se tenha exactamente reclamado deste termo para se justificar, como sintomático é que Sartre tenha julgado responder às críticas ao seu sistema feitas invocando-o na conferência famosa *L'Existentialisme est un Humanisme*. Mas mais sintomático é ainda que tenha sido em torno desse termo e dessa pretensão que se travasse a mais penetrante polémica filosófica destes tempos, e que exactamente quem a suscitou, para irrefutavelmente responder a Sartre, fosse o mestre tantas vezes por este invocado, Martin Heidegger. As implicações da sua *Carta* e Beaufret são, com efeito, tão fundas que é, em torno delas, que nos parece destacar-se singularmente a própria crise — ou desamparo — tantas vezes invocada pelos intelectuais europeus.

Ref 1



tantos anos desatendida, do mais lúcido e extremista dos humanistas de setecentos: o Divino Marquês de Sade. A obra deste mais não é, com efeito, que a procura, através dessa obediência naturalista, das forças que podiam levar o homem a desenvolver as suas potencialidades, em acôrdo e ao serviço da própria natureza (14).

Estes básicos pressupostos de qualquer humanismo — existência duma só natureza humana, duma universalidade dessa natureza e da racionalidade dela, com a normatividade de tal valoração decorrente — vão ser postos em causa nos últimos séculos por diversíssimas razões, particularmente detectadas nas obras proféticas de Marx, Kierkegaard, Nietzsche e Freud. Um humanismo integral só é hoje possível se fizermos delas tabula rasa e não há que estranhar que a mais recente proposta dele nos venha dum pensador, como Jacques Maritain, que se situa em esquemas mentais medievalistas. Mas a ilusão de que era possível um humanismo que, rejeitados os seus pressupostos clássicos, se apresentasse como um *novo humanismo* não desaparece e é ela exactamente que Sartre vai retomar na sua conferência.

Lúcidamente, rejeita o autor de *Les Mots* a noção duma natureza humana e a duma universalidade de valores, refutando assim, com alguma coerência, o humanismo a que chama clássico e que pressupunha o homem como fim e valor supremo. Vai mesmo mais longe quando diz. «O culto da humanidade conduz ao humanismo fechado de Comte e, é necessário dizê-lo, ao fascismo: é um humanismo com o qual não queremos nada (15). Mas com estas críticas Sartre não enterra o humanismo. Ele é-lhe necessário, por razões que mais adiante examinaremos. E assim proclama um outro humanismo, a que chama existencial e que define nestes termos: «Há um outro sentido de humanismo, que significa no fundo isto: o homem está constantemente fora de si mesmo, é projectando-se e perdendo-se fora de si que ele fez existir o homem e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentais que ele pode existir; sendo o homem esta superação e não se apoderando dos objectos senão em referência a esta superação, ele vive no coração, no centro desta superação. Não há outro universo senão o universo humano, o universo da subjectividade humana. É a esta ligação da transcendência como constituinte do homem — não no sentido de que Deus é transcendente, mas no sentido de superação — e da subjectividade, no sentido de que o homem não está fechado sobre si mesmo, mas presente sempre num universo humano, é a isso que chamamos humanismo existencialista. Humanismo, porque recordamos ao homem que não há outro legislador além dele próprio, e que é no abandono que ele decidirá de si; e porque mostramos que isso se não decide com voltar-se para si, mas que é procurando sempre fora de si um fim — que é tal libertação, tal realização particular — que o homem se realizará precisamente como ser humano (16).

Contra esta proposta se insurge Heidegger na *Carta Sobre o Humanismo*. O erro de Sartre, segundo ele, continua a ser o erro básico de todo o huma-

Rq 1



nismo: pressupor uma essência do homem como evidente, pouco importando que Sartre situe essa essência na existência (17). Os dois termos continuam a ser utilizados pelo autor de *L'Être et le Néant* em sentido metafísico tradicional, isto é naquele que, desde Platão, afirma que a essência precede a existência. Sartre inverte esta proposição. Mas o inverso duma proposição metafísica continua a ser uma proposição metafísica que esquece, como todo a metafísica o esqueceu, «a verdade do Ser» (18). O homem esté presente ao Ser na inibição extática na verdade do Ser e daí lhe advém uma dignidade própria, que nenhuma interpretação humanista consegue captar e que é radicalmente misteriosa. É neste sentido que Heidegger se opõe ao humanismo. «*Oposição que, aliás, não significa que haja uma orientação contra o humano, em defesa do inhumano, da barbária ou que rebaixe a dignidade do homem. Se se pensa contra o humanismo, é porque o humanismo não situa suficientemente alto a humanitas do homem*» (19). A missão do homem—dirá ainda o autor do *Sein und Zeit*—é proteger a verdade do Ser — ou no seu feliz vocabulário — o homem é o pastor do Ser. E aqui nos situamos na zona em que qualquer humanismo se suspende, por inútil e falacioso.

A interpretação heideggeriana — e por isso nos demorámos nesta polémica e por isso ela é tão singularmente decisiva — aponta simultaneamente para uma impossibilidade e para um impasse: impossibilidade de pensar em termos metafísicos o problema do humanismo, impasse do humanismo, quando se transpõe em termos éticos — e sempre terá que se transpor — por isso mesmo que nenhuma ética para o homem se pode deduzir hoje dos pressupostos que implica. É certo que Heidegger irá, na mesma carta, invocar uma reflexão ética que é, segundo ele, fundamental e que se deve colocar em termos novos, a partir do que essência do homem seja. É certo que ele também apela para uma repensar dos pressuposto em que ela se baseia: razão, valores, Deus. Mas não o é menos que essa reflexão se não fez e tudo leva a supor que jamais se faça, nos seus esquemas. Ela só abre para o vazio, para o «aberto». E daí, na suspensão da ética, se inicia e se cerra a crise mais funda do que se convencionou chamar «pensamento europeu».

Sobre ela se podem iniciar as reconstruções possíveis, e por isso o malogro dos humanismos é, a tantos títulos, exemplar. É-o ainda porque só na transfiguração as crises se assumem, e os sinais dessa transfiguração e dessa assunção começam a ser patenteados. Donde, o podermos-nos legitimamente interrogar sobre se não será a partir do fim do humanismo que novas propostas específicas podem surgir e que uma contribuição ao destino do homem no universo pode ser tentada, o partir do pensamento que a este impasse nos levou.

Ref 1



Do Anátema ao Diálogo

Outro motivo existiu ainda para nos ocuparmos, em tão largo espaço, da destruição do conceito de humanismo e do suspenso vazio sobre a sua impensabilidade existente. É que, como acima o apontámos, ela explica, melhor do que qualquer outra, a derrocada das ideologias e sistemas filosóficos a que se assiste nesta Europa de 66.

Com efeito, umas e outras, assentam em tentativas de explicação do mundo e do homem, melhor dizendo do mundo pelo homem ⁽²⁰⁾ que implicam, mesmo quando os negam, os pontos de partida metafísicos que permitem a afirmação dum humanismo. Nenhuma grande corrente filosófica ou doutrinária, deixou, contemporaneamente, e isto é sintomático, de se proclamar com humanista. Existe um humanismo marxista, como existe um humanismo católico e as filosofias da existência, quando esquecidas, da advertência inical e iniciática de Kierkegaard se transformaram em existencialismos ou personalismos, do humanismo não puderam deixar de se reclamar. E não o puderam, nenhuma delas, porque procurando explicar o homem, e explicá-lo global ou totalitariamente, não puderam também deixar de acreditar que detinham a chave dessa explicação. Por isso, apesar do seu ponto de partida existencial e subjectivo, Sartre não pôde deixar igualmente de proclamar o seu sistema como humanista. Renunciar a isso, era renunciar à pretensão universalista do existencialismo, sabedoria das nações, como em tempo o acentuou Simone de Beauvoir.

Marxistas, cristãos, existencialistas julgaram ou julgam deter o monopólio da verdade, de toda a verdade necessária ao homem ou, o que é bem mais grave e bem mais pesado, de toda a verdade necessária à salvação do homem. Como tal, todas pressupõem uma dogmática, uma axiomática e uma escatologia. Não podiam ser sistemas se o não pressuposessem, não podiam ser sistemas do homem, recusando o humanismo.

Simplesmente, ainda aqui a *praxis* comanda a teoria e os trágicos acontecimentos vividos na Europa nas últimas décadas — e particularmente na Europa — conduziram senão ao repúdio, à interrogação das dogmáticas, axiomáticas e escatologias. Por isso, Heidegger viu bem mais longe do que os seus contemporâneos. Podemos recusar as suas premissas, não podemos alienar o bem fundado das suas conclusões.

Dos anos 50 aos anos 60 as grandes ideologias ortodoxas da Europa abrem falência e descobrem a sua imensa fragilidade. Assiste-se à derrocada da dogmática marxista de estrita observância moscovita, pela pressão de acontecimentos que vão da morte de Estaline ao diferendo sino-soviético;

Ref 1



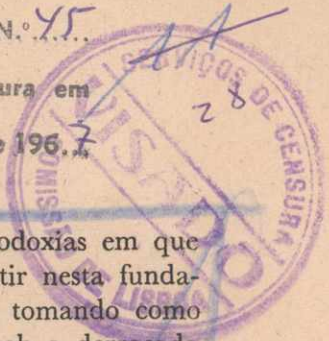
presencia-se idêntico fenómeno no juridicamente organizadíssimo corpo da Igreja Católica e o Concílio Vaticano II mais não é que o reconhecimento do fortíssimo abalo que não permitirá jamais que Roma seja o que no passado foi; as incipientes formulações doutrinárias do existencialismo a ninguém afinal convenceram e a impossibilidade de construção duma ética, por parte daquele, prova-o claramente. O *ἦθος ἀνθρώπου*, o lugar de habitação do homem, de que Heidegger — na esteira de Heraclito — nos fala é o *δαίμων* — o deus — e por o ser é igualmente aquilo a que o mesmo pensador chama noutras passagens — *das Offene* — o aberto. O extraordinário comentário do fragmento de Heraclito e do de Aristóteles (*De Part. Anim.* A 5 645 e 17) (21) reverte a dizê-lo: o *ἦθος*, e que a palavra ética está etimológica e fundamentalmente ligada não se limita, com o nada do que divinamente é povoado.

A desmitologização não é uma palavra de ordem apenas entre os cristãos. Introduziu-se em todas as correntes doutrinárias, tornando-nos atentos ao que nelas é mítico ou mitologizador. E uma e outra coisa, em verdade, elas o são, na medida em que o são — ou o descobrimos como tais — as próprias hipóteses explicativas que nunca abandonaram, ou, dum modo ainda mais explícito na medida em que míticas são as *ortodoxias* que todas, mais ou menos, definiram. Sob o pano do fundo dum imenso vazio e dum imenso «*déssarroi*», sob o logro e a mistificação desnudadas ou entrevistadas, a crise dessas ortodoxias tornou-se um facto e se há lugar-comum hoje a afirmar é que essa crise proveio de não sabermos ou não podermos mais acreditar que um humanismo possa existir.

Quando proclamei que a verdade cristã, ou outra, pode não ser a única, como não única e mesmo ambigua pode ser a ética pregada; quando suspendo uma doutrina de salvação que não sei como encarnar; quando o mesmo se passa com as verdades, morais e escatologias de qualquer outra corrente *humansítica*, em verdade desse humanismo já não sei que fazer e em verdade todos os *ismos, doxias e práxis* daquelas correntes revelam a mesma inviabilidade. Não há verdade ao homem comum, porque verdade não sei que seja e homem comum é abstracção que dificilmente admito. Diante de uma, como diante de outra, a mesma impossibilidade de os pensar, e, consequentemente, a impossibilidade de aceitar normas para qualquer das regiões ou éticas sobre as quais elas sempre imperaram. O deserto sob nossos passos estendido não é reconfortante, mas um mínimo de lucidez obrigamos a constatar que ele existe e que as multiplas «crises de fé» dos melhores dos apaniguados das paisagens saciadoras são apenas palpável testemunho disso.

Restam-nos apenas duas atitudes: ou encarar estes factos como sintoma de ruína e perdição, lançando sobre o solo europeu anátemas ainda mais

Ref 1



violentos enquanto nos volvemos para humanismos ou ortodoxias em que o Leste e o Oeste não deixaram de acreditar; ou presentir nesta fundamental cisão a proposta de algo igualmente fundamental, tomando como aparente a negatividade proposta. E encontrando oculto, sob a derrocada dos colossais impérios ideológicos, o sentido da complementaridade e relativização que, num sentido não usual mas não menos nobre, a palavra diálogo reveste.

Reflectir e Vigiar

Pois que iniciamos este artigo com algumas considerações sobre uma obra colectiva, *O Espírito Europeu*, a uma obra colectiva voltemos para o findar. Referimo-nos a *Humanismo e Educação no Oriente e no Ocidente*, volume dedicado às comunicações e debates que, em torno desse tema, se travaram em Bombaim, em 1952, num colóquio patrocinado pela U. N. E. S. C. O. (22) Retem-nos particularmente a alocação de Radhakrishnan proferida na sessão inaugural.

Preocupado em estabelecer uma distinção entre o pensamento oriental e o ocidental, Radhakrishnan afirma que o primeiro, contrariamente ao segundo, onde descortina como elementos salientes a razão científica, o humanismo, o militantismo agressivo e tendência para as dicotomias irreduzíveis, se caracteriza principalmente «pela crença numa realidade invisível, da qual toda a vida é manifestação, pelo primado da experiência espiritual e pela preocupação de conciliar noções aparentemente contrárias» (23). E, mais adiante, sustenta, na fidelidade ao pensamento oriental, que «devemos considerar as oposições aparentes como sendo não fundamentalmente irreduzíveis, os extremos como conciliáveis, à custa duma recíproca adopção se tal for necessário» (24). Radhakrishnan multiplica os exemplos para provar que historicamente sempre esta adaptação se deu a que uma tal atitude é a única que pode salvar a humanidade dum suicídio colectivo. E cita a impregnação de Constantinopla pelo neo-platonismo, mau grado das perseguições que a este Justiniano moveu, o triunfo do aristotelismo na Idade Média, contra as condenações iniciais, a interpenetração do mundo mussulmano e do mundo cristão graças ao movimento inicialmente dirigido por este para eliminar aquele — as Cruzadas, é, mais modernamente, refere a inserção da Alemanha, inimiga da véspera, no concerto das nações aliadas. Numa palavra, e adentro dum certo irenismo desencarnado, Radhakrishnan prega a conciliação, a tolerância o diálogo. Se retemos as suas palavras, não o fazemos só pelo fundo delas, mas porque elas permitem situar

Ref 1



melhor as conclusões com que queríamos finalizar este artigo.

Radhakrishnan invoca os valores acima enumerados como essenciais ao pensamento oriental e esse é o primeiro erro que queríamos relevar. Historicamente, o conferencista tem razão, ou melhor, tinha razão: catorze anos volvidos sob as suas palavras, quando o chamado Oriente, encabeçado pela China, propõe ao mundo uma das mais drásticas e vitais opções dos tempos modernos não nos parece que sejam os termos de conciação ou tolerância os mais adequados para a caracterizar. Essa é mesmo o grosseiro erro, daqueles que, pouco compreendendo da história presente, invocam o «caracter chinês» para julgar como acidente passageiro uma realidade com prolongamentos irreversíveis. Ou seja, e esse é o primeiro ponto para que queríamos chamar a atenção: os valores aludidos por Radhakrishnan correspondem apenas a uma crise histórica que por muito prolongada, pelo menos para quem mede por centúrias o tempo histórico, pôde ser identificada com uma perenidade. Segundo ponto e não menos importante: esses valores de crise são valores necessários, e a essa necessidade corresponde a atracção perante eles ressentida por alguns dos melhores espíritos de outros continentes. Mas, no sentido humanístico e existencial com que foi vivida, a hora de crise passou para o continente asiático. Uma nova civilização se ergue nele e as aprendizagens difíceis e obscuras não se coadunam com a força e esplendor que lhe são próprios. O facho, se pode ser retomado, pode sê-lo na Europa pelos motivos e considerações atrás aduzidos. E é na Europa que nos parece hoje poder situar-se essa proposta anti-dogmática e dialogante, que durante séculos foi apanágio do oriente.

Sobre a crise civilizacional vivida, sobre a morte das ortodoxias e das verdades exclusivistas, um certo relativismo e um certo cepticismo podem ser não só o preço duma determinada lucidez, como a redenção dele. Acaso, mais e melhor do que nunca, a tarefa dos intelectuais europeus nos anos próximos consistirá na descoberta da violência e violação que toda a verdade monopolizante em si mesmo pressupõe, na descoberta duma missão dialogante entre opositos que não detêm nem todo o erro nem toda a certeza. Não uma proposta irénica, ou angélica, mais ou menos «au dessus de la mêlée»; não um búdico quietismo à medida de impalpáveis frustrações; não um estoricismo amável que do humanismo retivesse apenas uma certa paz desvirilizante. Mas a construção, numa outra violência, das certezas duvidosas sobre as quais se pode fundar, numa civilização à escala mundial a difícil aprendizagem de sermos em comum.

E então será, neste continente, o tempo da reflexão e da vigilância.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

O TEMPO E O MODO NOTAS

15 2 de 1967



- (1) FRANZ FANON, *Les Damnés de la Terre*, Ed. Maspero, Paris 1962.
- (2) Foram estes os argumentos aduzidos por Denis de Rougemont no artigo «Sartre contre l'Europe», publicado no jornal *Arts*, de 17 de Janeiro de 1962. (Cf. Jean Marie Domenach, «Sartre et l'Europe» in *Esprit*, pp. 454-463, Março 1962.
- (3) Pelo menos, dizemos Alexis de Tocqueville não nos deixa mentir.
- (4) *O Espírito Europeu*, trad. port. Publicações Europa América, Lisboa, 1962.
- (5) MICHEL FOUCAULT, *Les Mots et les Choses*, Gallimad, Paris 1966.
- (6) O texto de Borges cita uma enciclopédia chinesa em que os animais se dividem em:

- a) Os que pertencem ao Imperador
- b) os embalsamados
- c) os domesticados
- d) os leitões
- e) as sereias
- f) os míticos
- g) os cães vadios
- h) os incluídos na presente classificação
- i) os que se agitam como loucos
- j) os que não se podem contar
- k) os desenhadores com um pincel muito fino, de pelo de camelo
- l) et caetera
- m) os que se «lixaram»
- n) os que, de longe, parecem moscas.

Foucault escreve: «La gêne qui fait rire quand on lit Borges est apparentée sans doute au profond malaise de ceux dont le longage est ruiné: avoir perdu le «commun» du lieu et du nom». Cf. *op. cit.*, pág. 10.

- (7) *Op. cit.*, pág. 7.
- (8) ÁLVARO DE CAMPOS, *Poesias*, 1.ª ed., pág. 156.
- (9) *O Espírito Europeu*, *op. cit.*, pp. 72-75.
- (10) É o caso, por exemplo, de Portugal.
- (11) Que a U. R. S. S. não seja um país europeu é, pelo menos, geográficamente discutível. Parece-nos sê-lo muito menos, em termos históricos, mau grado uma certa ambivalência que transparece em tantos dos seus pensadores e escritores e com rara acuidade e rara beleza, no poema de Alexandre Blok, *Os Citas*.
- (12) WITTGENSTEIN, *Tractatus Logico-Philosophicus*, (7.ª Proposição).
- (13) Cf. *La Quinzaine Littéraire*, 15-10-1966, polémica entre Sartre e Foucault.
- (14) Cf. p. ex. *Français encore un effort...*, Ed. J. J. Pawers, 1963 ou a notável abertura de *Les Infortunes de la Vertu*. «Le triomphe de la philosophie secretit de jeter un jour sur l'obscurité des voies dont la providence sert pourses parvenir aux fins qu'elle se propose sur l'homme, et de tracer après cela querque plan de conduit qui put faire connaître à ce malheureux individu bipède, perpétuellement ballotté par les caprices de cet qui, dit-on, de dirige aussi despotiquement, la manière il faut qu'il interprète les décrets de cette providence sur lui, la route qu'il faut tienne pour prévenir les caprices bizarres de cette fatalité à laquelle on donne vingt noms différents, sons être encore parvenç à la défnir» (SADE, *Les Infortunes de la Vertu*, col. 10-18, pág. 21).
- (15) SARTRE *O Existencialismo é um Humanismo*, trad. port., de Vergílio Ferreira, Ed. Presença, 2.ª Ed., pág. 293.
- (16) *Op. cit.*, pp. 283-285.
- (17) Cf. *Über den Humanismus*, trad. fr. de R. Munier, Aubier, 1957.
- (18) *Op. cit.*, pág. 67.
- (19) *Op. cit.*, pág. 71-72.
- (20) «Précisément, nous sommes sur un plan où il n'y a que des hommes» escreve Sartre.
- (21) HEIDEGGER, *op. cit.*, cf. págs. 137-151.
- (22) *Humanisme et Éducation en Orient et en Occident*, UNESCO, 1953.
- (23) *Op. cit.*, pág. 47.
- (24) *Op. cit.*, pág. 52.



RIQUEZA FRANCISCANA
OU
PBREZA OTTAVIANA

Noutra secção deste número de «O TEMPO E O MODO*» publicamos o documento de Charles Dovis em que este anuncia a sua decisão de abandonar a Igreja Católica. Aqui, queremos-nos referir a um caso igualmente na ordem do dia, mas de desfecho diverso: a proibição e manada do Cardeal de Hovian: do Padre Hervé Châigne continuar a exercer o lugar de director da revista *Frères du Monde*.

Quem é Châigne? Que revista é esta? Hervé Châigne é um franciscano francês, que desde 1955 tem sido a figura central duma equipe de padres da sua Ordem, particularmente dedicada aos problemas das missões e dos países do Terceiro Mundo. Em 1959, essa equipe publicava o primeiro número duma revista que tinha por título o lema franciscano. «*Frères du Monde*», e na qual se iriam publicar importantes estudos sobre países como a Tunísia, o Brasil, Israel, etc. Em 1962, Hervé Châigne assumia a direcção da Revista e em 1964 formava-se um comité de redacção responsável por ela, que incluía não só padres (franciscanos, de outras congregações e seculares) como leigos. O sucesso de *Frères du Monde* foi sendo cada vez maior, como cada vez maior era o empenhamento em problemas de escaldante actualidade, e em posições que forçosamente iriam provocar suspeitas e indignações nos meios conservadores. Em Abril de 1966, um número sobre a Polónia levava ao rubro essas pias fúrias, com o seu evangélico cortejo de denúncias, acusações, etc. Em Outubro o Cardeal Ottaviani, Perfeito da Congregação da Doutrina da Fé (antigo nome: Santo Officio) impunha à Ordem Franciscana que o Padre Châigne abandonasse a direcção da Revista.

Tem interesse e é um alegre sinal dos tempos (alguns dirão triste) conhecer a forma como esta decisão foi recebida. Citemos as próprias palavras do editorial do primeiro número da Revista saída após ele «O Padre Hervé Châigne, os franciscanos e os leigos da equipe de FRÈRES DU MONDE decidiram responder positivamente ao pedido da reorganização da direcção da revista, querendo, deste modo, dar prova da solidariedade da sua equipe, e de equidade na Igreja.

Não sendo nem o Padre Hervé Châigne, nem a Revista, contestados ao plano doutrinal nas razões dadas pela decisão romena, é evidente que esta medida é motivada pelos nossos compromissos políticos e económicos, matérias livres no povo de Deus.

O nosso trabalho, continua, pois, no quadro duma nova repartição de tarefas.

O editorial que sublinha ainda que o atestamento de Châigne é provocado não pelo desejo da Revista mas por uma «injunção» do Cardeal Ottaviani, é assinado pelos novos directores: Padre Olivier Meillard e Sean Bonneville (leigo) e pela equipe redactorial, de que Hervé Châigne continue a ser membro.

Em Outubro, concedia esta uma entrevista ao jornal católico canadiano *Hatartenant* de que registamos, a seguir, algumas passagens:

(...) «Pode ser que o recurso à via hierárquica se justifique para tratar certos casos de disciplina eclesial, embora a Igreja, em minha opinião nada tenha a ganhar em tomar como modelos os regimes autoritários e a organização interna dos exércitos. Esse método é, contudo, totalmente inadequado no domínio da imprensa, mais exactamente do jornalismo de ideias, onde sempre nos quisemos situar.

Tudo se passa como se Roma fosse completamente incapaz de admitir a existência dum jornalismo católico, que não seja automaticamente um puro e fiel eco da «linha geral» seguida pela maioria dos católicos (...)

Falando a seguir do empenhamento do padre na cidade, Châigne afirma:

«Evidentemente, esse empenhamento por problemas. O que é triste é que para a Igreja eles só se ponham quando esse empenhamento se realize numa determinada direcção. Que eu saiba, nunca houve censuras para os prelados políticos, para os padres belicistas, para os todos-mesuras diante dos ditadores-que-vão-à-missa, para as bênçãos entusiásticas dos cantões da «civilização», para os «loques»



a favor dos partidos políticos que dependem a escola «livres», as empresas «livres», o mundo «livre», (...). Parece que os autoridades eclesiásticas tem uma forte inclinação para não considerar escandaloso, ou fonte de problema, o empenhamento dos padres a favor de regimes políticos e económicos que tem a habilidade de não negar à Igreja as liberdades temporarias que esta julga necessárias à realização da sua missão.

Pelo contrário, é considerado escandaloso o empenhamento sério de padres, e até de leigos, nos movimentos sociais que tem por fim derrubar a «desordem estabelecida», pois que acção faz perigar o estatuto da liberdade formal garantido à Igreja pelo capitalismo e organização do «mundo livre». Neste sentido, nenhuma tentativa é, a meu ver, mais desesperada do que a de convencer os responsáveis eclesiásticos dos bons fundamentos do combate por certas causas. De coração despedaçado, talvez contra as suas mais profundas convicções, não poderão nunca deixar de nos opôr uma negativa unânime e massiva em nome dos superiores interesses da religião. Lamentarão, tanto como nós, ou mais do que nós, a monstruosa escravização do Terceiro Mundo, os bairros da lata, o desprezo sistemático pelos mais elementares direitos da pessoa, o subdesenvolvimento cultural das massas, ou inocentes bombardeados no Vietnam, numa palavra tudo o que constitui a trama de infâmio e de miséria sobre o qual o mundo da opulência multiplica os seus pantions irrisórios, mas, para acabar com esta desordem, nada farão que faça perigar a situação adquirida das instituições cristãs. Clamores por uma evolução ideal, tão mais improvável quanto depende apenas da boa vontade das pessoas bem situadas, dirão e repetirão em termos equilibrados que tem que se encontrar uma solução, mas recusar-se-ão sempre aos meios dramáticos, logo que «cheirem» o perigo das instituições cristãs serem varridas pela torrente da irragem.

Receio muito — digo «receio muito», mas recuso-me a acreditar-lo — que a Igreja enquanto corpo sociológico ponha sempre a salvação da sua condição própria, acima da de liberdade dos pobres. Repito-o com toda a minha fé, recuso-me a acreditar-lo e por isso continuo a pensar que a Igreja como Povo de Deus não pode proibir alguns dos seus padres e muitos dos seus filhos de se unirem aos pobres no caminho duma verdadeira revolução. A Igreja do Concílio deve aceitar ser contestada, por actos e por palavras, ao nível das suas certezas menos expressas, isto é no domínio temporal, para o qual não possui nem as chaves da vida eterna nem a certeza de não errar. E que nos não venham acusar de «neo-clericalismo» ou de «clericalismo da esquerda». A nossa ambição nunca foi outra senão a de nos juntarmos aqueles que lutam para os ajudar e construir o nosso mundo de homens livres e afim de que saibam, pela acção e na acção, que a Igreja de Deus não foi totalmente confiscada ao serviço dos opulentos.

Finalmente, à pergunta do jornalista sobre qual era, segundo ele, a moralidade da história, o Padre Châigne respondeu assim:

«Nesse ponto sou categórico. Que sociedade é esta, que se pretende divina, evangélica, permanentemente renovada pelo Espírito e que dispõe das suas disciplinas voluntárias como um chefe da sua política de choque? Onde encontraremos, senão nos países de leste, algo de semelhante que não fosse imediatamente punido pelo rigor da lei? Parece-me que já é tempo da Igreja começar, também, a respeitar a pessoa humana. Sei muito bem que, ao contrário dos militantes dum partido, dos soldados dum exército, ou dos operários duma fábrica nós, padres, votamos obediência à Igreja. Mas a Igreja não é um instrumento frio que maneja os homens como peões, é uma Mãe. Seria conveniente que aqueles que no-lo pregam se lembrassem disso...»

Creemos que quaisquer comentários se dispensam. As palavras de Chêigne não são menos duras do que as de Charles Davis. Apenas, Davis soiu e Chêigne ficou. Respeitando as duas atitudes, recordemos as palavras finais de jesuita HebblethÉaite «Ninguém pode reformar um corpo, se dele se amputar». O exemplo de Chêigne e de outros reformarão a Igreja Católica?

J. B. C.

68



NELSON DE MATOS

EDUARDO LOURENÇO E A NOVA LITERATURA

—OU OS NETOS DE ÁLVARO DE CAMPOS—

«Au moment ou le langage, comme parole répandu, devient objet de connaissance, voilà qu'il réapparaît sous une modalité strictement opposée: silencieuse, précautionneuse déposition du mot sur la blancheur d'un papier, ou, il ne peut avoir ni sonorité ni interlocuteur, ou il n'a rien d'autre à dire que soi, rien d'autre à faire que scintiller dans l'clat de son être.»

MICHEL FOUCAULT (1)

Possivelmente eu deverei começar por dizer a Eduardo Lourenço que a intenção apenas deste artigo é abrir um diálogo sobre os problemas que a essa hipotética Nova Literatura podem vir a interessar, Seria bem, aliás, que outros o alargassem, que viessem aqui depor, que falássemos enfim desse milagre que é o existir entre nós uma verdadeira literatura *desenvolta*. Desenvolta na forma e no espírito que a corporiza; desenvolta nas intenções e nos problemas que referencia.

Mas é ainda mais estupendo esse milagre quando nos apercebemos que é esta a época em que, por todo o lado, a literatura — e a arte em geral — decidiram ou se viram na necessidade de nelas próprias jogar toda a sua significação. Crise do universo em que se enraizem, decadência de valores, totalidades que se assumiram em nome do que nos não é uma totalidade — apontam os críticos como presumíveis motivos para essa auto-destruição da literatura toda. O Problema toma no entanto uma complexidade maior,

Não seremos nós, pobres principiantes nestas andanças e desandanças do demónio, quem o arrancará ao segredo do Olimpo onde os deuses adormecem — se adormecem. Mas a hipótese de que, em Portugal, o nosso mundo fechado se tenha a si próprio recriado, essa mesma literatura o vem em

(1) M. Foucault, *Les Mots et Les Choses* (Paris, 1966), pág. 313.

71



constituée et s'est désignée comme telle ou senil de l'âge moderne, manifeste la réapparition, là ou on ne l'attendait pas, de l'être vif du langage.» (2) Porque, se se nos alteraram as relações entre o homem e os objectos, da mesma forma se alteraram as entre esses objectos e as palavras que os nomeiam. Foucauld diz mesmo que uma ruptura definitiva aí mesmo se verificou e constata o ao separar o *visto* do *lido*. E tudo isto, como diz Georges Mounin, (3), que inicialmente foi julgado como um problema de retórica, verifíc se agora ser um problema de linguística, de comunicação. Na verdade, as palavras e as coisas vão se separar. A literatura, que no século XIX era *pensada* em elação a um mundo externo, passa agora a ser julgada na sua própria significação, pondo em evidência *l'être vif* da própria linguagem. «*Car maintenant il n'y a plus cette parole première, absolument initiale par quoi se trouvait fondé et limité le mouvement infini du discours; désormais le langage va croître sans départ, sans terme et sans promesse. C'est le parcours de cet espace vain et fondamentale qui trace de jour en jour le texte de la littérature.*» (4)

*

Mas vejamos finalmente que Nova Literatura é a nossa Perguntemos então de novo, como Eduardo Lourenço, quais as relações entre Bessa Luís e Almeida Faria, ou entre Abelaira e Cardoso Pires, ou Yvette Centeno e Herberto Helder, ou Fernanda Botelho e Isabel da Nóbrega, ou Ruben A. e Judith de Carvalho? Que há na verdade de comum entre eles? Porque não poderemos agrupá los na forma fácil de uma mesma *geração*, na medida em que não existe entre eles aquela homogeneidade de idades e culturas que o arqui conceito de *geração* parece ter implícito. Mas se não existe a *geração* dos autores é notória a *geração* das suas obras, do seu clima, das suas direcções, do que nelas é do seu *tempo* comum, dos mitos que comumente destroem, da *divindade nova* que é o seu sonho maior.

Suponho que eles, os autores delas, não aceitarão esta minha e de Eduardo Lourenço hipótese de ligação. Aceitá la á Cardoso Pires em relação a Bessa Luís? E Herberto Helder em relação a Ruben A? E Almeida Faria em relação a Fernanda Botelho? E os outros em relação aos outros? O mundo do escritor é uma *visão* irredutível o que a crítica, por comodidade, muitas vezes aceita. Suponho, no entanto, que Almeida Faria se sentirá melhor com Herberto Helder e Yvette Centeno; e Cardoso Pires com Judith Carvalho e Abelaria e Isabel da Nóbrega. Bessa Luís, essa, sentir se á talvez melhor consigo mesma.

(2) *Les Mots et Les Choses*, pág. 58.

(3) G. M. *La Nation de Situation en Linguistique* in *Les Temps Moderns*, n.º 247 — Dezembro de 1966.

(4) *Les Mots et Les Choses*, pág. 59.



Mas para o que a crítica fundamentalmente pretende pôr em evidência, a unidade ou os caminhos paralelos dos romances deles, é francamente notória. *Paixão e Os massos em Volta e Não só quem nos odeia; Enseada Amena e O Hóspede de Job e Viver com os Outros*, e tantos outros ainda.

Todas apresentam uma *jigeireza* de estilo, um cuidado e interesse pela forma, que é já apanágio de uma mesma revolução que os uniu. Todas apresentam uma uniformidade em relação ao *meio* e à *idade* e à *situação* das personagens que escolheram, quase todas pertencentes a uma classe decadente mas com a consciência única dessa decadência de que são, em grande parte, os impulsionadores. Quase todos, essas personagens, são estudantes jovens o jovens sem serem estudantes, são os homens e as mulheres da viragem, os impulsionadores, os destruidores de mitos, os mitificados, os construtores do futuro. Alguns são artistas e não sabem ainda para onde vão. Outros têm febre e não puderam ainda aplicá-la.

Mas que paisagem é esta destes novos autores e destas não menos novas personagens? — porque são novas estes personagens na nossa literatura. Que divindade nova nos apontam? Que viragem isso mesmo nos anuncia?

Não duvido, em primeiro lugar, que esteja aí um reflexo da alteração a nível de consciência e de cultura, da própria sociedade, e dos próprios autores. E em relação a um neo-realismo da fase inicial também uma mais lúcida tomada de consciência. Não tiveram essas obras uma crítica que as merecesse. Sabemo lo todos muito bem. Até mesmo os mais novos, como Eduardo Prado Coelho, não souberam entendê los senão pelas *chaves* anteriores. Não existe portanto crítica nem jovem crítica para esses jovens e não jovens autores. À excepção deles próprios que, através do ensaio, uns aos outros se procuraram entender ou desentender.

Ficaria já demasiado extenso este artigo se quisesse achar agora as razões para esse entendimento ou não. Deixarei portanto a discussão em aberto e seria bom que esses mesmos, os do que agora se considerou a Nova Literatura, viessem aqui depor e entender se.

Quanto à auto destruição de que fala Eduardo Lourenço e o porrei apenas a questão de ela se não ter ainda verificado entre nós na medida em que o romance português atravessa ainda uma fase que designaremos por *dissolução da personagem*, correspondente a uma estrutura edonómica que designaremos também por capitalismo idealista.

Gostaríamos que o artigo de Eduardo Lourenço e o nosso viessem abrir uma discussão de que andamos tão esquecidos. Que os deuses e má-língua nos perdoem um tal atrevimento. Mas o que essa Nova Literatura aponta e o porque aponta nos ressalvará decerto disso mesmo que não for ressalvado pelos outros.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1967.

NELSON DE MATOS



Um depoimento? Sirva aquilo que escrevi em 1965, a propósito da estreia parisiense do filme: «...Com a sua heroína permanente e com aquele que foi o seu primeiro herói, J. L. Godard fez mais um filme. Um filme que liberta o cinema... De *A Bout de Souffle*, dez anos atrás, até *Une Femme Mariée*, o ano passado, através de sete ou oito obras de que fui falando, isso mesmo Godard tem feito: libertado o cinema. Psicologicamente e poeticamente. Isto é, para empregar uma mais precisa linguagem: estruturalmente. O que nos permite estender esse entendimento de libertação ao domínio da ética.

E depois acrescentava eu: «Mais longe do que qualquer outro e sem a menor transigência, Godard levou (essa libertação) às experiências mais agudas. Até que, com *Pierrot le Fou*, ele atingiu uma inteireza poética, sinal de maturidade. Sua, pessoal, e do «cinema novo», nova espécie narrativa que no «nouveau roman» igualmente se verifica, como em certas propostas duma imagística pictórica na «pop art».

Mais adiante escrevia: «Coroando em Cannes um filme de perfeita definição «pop», *The Knack*, o pensamento crítico oficioso acertou-se com o próprio tempo, com espanto de muita gente, logo sossegada com o prémio do festival seguinte, de Veneza, atribuído a *Vaghe Stelle dell'Orse* de Visconti, onde outras (e grandes) qualidades tradicionais se opunham a toda a mudança de estruturas. Ora este filme de Godard foi apresentado em Veneza — e a ele caberia historicamente o prémio do festival, não fosse a prudência do júri que voltou atrás, a contentar modernos e antigos... O filme fez escândalo, foi aplaudido e pateado; apresentado em Paris, pôde afirmar-se que é «o mais belo filme da história do cinema francês»... Não será, nem tal faz sentido dizer: cada época tem as suas belezas e os seus critérios. Nesta história-não-história de um casal de jovens que foge de Paris (...) e se vai perdendo pela França fora, em busca de liberdade, de sabedoria, de amor (relendo o texto gostaria de ter escrito «demanda», evocando assim um aspecto «sagrado» ou «mágico» que a história assume) nesta história que o não é e que se nega (a acaba mal demais, no quadro policial que a acompanha) — se poderá porém definir o critério que nos convém, neste 1965 (1967, digamos) em que vivemos. Se é que nele vivemos... Nele vivem sem dúvida os heróis líricos de *Pierrot le Fou*, admirável poema cinematográfica, obra-prima, com certeza, dum certo cinema moderno.»

...Agora preciso apenas de discordar daquela observação de «acabar mal demais» o filme. Não de humor que justifica permanentemente a acção, explode no fim, numa carga de ninamite, como se fazia mister. Explode mesmo — pronto a se repousar, a repousar, ao cabo, numa lenta citação rimbaldiana. De *Elie Faure* (mesmo lido no banho — que é aliás sítio apropriado para o ler), a um *Picasso* pendurado na parede, e a um *Céline* discursado, em perigoso equilíbrio, do alto dum tronco moroto (e *Karina* «en a marre»... — bem simbólica, e de sabor dialéctico, toda a cena), até ao *Rimbaud* fiant, o percurso romântico é perfeito e necessário. Além de ser actual. E nada maisde, por pur. ssimamente absurdo, o que acontece.

...Outra coisa agora me diverte fazer: lembrar que o *Pierrot-le-Fou*, nome maldito na mitologia «negra» francesa, nada tem que ver com o «Pedro o Louco» dos nossos distribuidores. Tão primariamente lembrados de cognomes régios, por pouco não traduziram eles o título por «Pedro o Cru». O que era capaz de ser menor tolice...

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

80



II) **O que não cabia ao Concílio, mas cabe a nós dizer**

No entanto, não cabe ao Concílio dizer tudo. Há afirmações implícitas que cabe a nós explicitar. Há conclusões ou aplicações práticas que nos cabe tirar, claro que sem a autoridade do Concílio, mas à luz de seus ensinamentos e ao clarão de seu espírito.

1. *Para além dos textos conciliares*

Quando a Igreja do Cristo se sente na obrigação moral de rever sua posição em face da liberdade de consciência, quando a Igreja Católica toma a decisão histórica de bater se pela liberdade religiosa, fica patente seu propósito de demonstrar, sempre mais, seu respeito e amor à liberdade, que é, na ordem natural, em conexão com a inteligência, o mais belo dos dons divinos.

A nós nos cabe lembrar que, ao realizar se o Concílio Ecuménico Vaticano II, quase 2 mil anos depois da morte de Cristo e ao ser proclamado a Declaração sobre a liberdade religiosa, 2/3 da humanidade se acham na condição infra humana de quem nem pode entender o que, de fato, significa liberdade.

Quando a Igreja de Cristo se sente levada a dar novas directrizes sobre a ordem económica e social, confirma se o respeito e o amor que Ela dedica à ordem, que se contrapõe à desordem, à confusão, à anarquia, aos caos.

A nós nos cabe lembrar que, ao realizar se o Concílio Ecuménico Vaticano II e ao ser promulgado — como esperamos que o seja — na Constituição Pastoral sobre Presença da Igreja no Mundo, o capítulo sobre ordem económico social, 2/3 da humanidade conhecem, sob o nome de ordem, uma situação de tal modo injusta e inhumana, que mais mereceria o nome de desordem estratificada.

Quando a Igreja em Concílio se mostra angustiada ante a ameaça da guerra que Ela sente, cada vez mais, destruidora; quando o Santo Padre deixa nos ouvidos da humanidade inteira o apêlo inesquecível «Jamais a guerra! Jamais a guerra!» sente-se a sinceridade com que, fiel ao Cristo, a Igreja anseia pela paz.

A nós nos cabe lembrar que, ao realizar-se o Concílio Ecuménico Vaticano II e ao ser promulgado — como esperamos que o seja — o capítulo sobre guerra e paz, parte essencial da Constituição Pastoral sobre Presença da Igreja no Mundo, 2/3 da humanidade mergulham na guerra ou na pró-guerra, ao mergulharem no sub-desenvolvimento, dado que, em nossos dias, segundo a palavra célebre do Cardeal Feltin, desenvolvimento é o novo nome da paz.

82

«O TEMPO E O MODO» N.º.....

Prova «O TEMPO E O MODO» N.º.....

Provas enviadas à Censura em

17 de 2 de 1967



RUBEN A.

O PROFESSOR E O ARMÁRIO

Sempre encontrei na sala de visitas das casas de professores de liceu, nas moradias da Avenida da Boavista no Porto, e em outras cidades da província armários de pau preto, com duas portas de vidro, embutidos de espiral ao correr das ombreiras, gavetas rente ao chão, mais cortinas de cetim encarnado. São túmulos que ficaram. Lembro-me de que em casa de minha avó paterna — que não era professora — também existia um desses objectos de mobiliário. Metia respeito a quem penetrasse de chofre a uma hora menos conveniente. São armários quase funcionais, servem aos proprietários para depositar os restos da casa, satisfeitos no esconderijo, certos de que a tralha que para lá atiram, ou escondem, raro é notada pelos visitantes que, em dias de sábado ou pelas tardes dos feriados mais em voga, tocam à campainha para saber como estão todos em casa. Também em outras ocasiões, sobretudo antes dos exames, quando nessas salas entram pais de alunos às vezes encarregados de educação, que num in extremis de nervoso aguentam a sala, olham para o armário, mal sabendo o que lhe vai nas entranhas. Mas a todos dá confiança — ao professor de liceu como peça importante que comanda a sala, e à visita o sentir-se familiarizado com um estilo que vai mesmo

47
Provas enviadas à Censura em
de 1967
17 de 2
SADO
COMISSÃO DE LISBOA
CENSURA

bem na casa de um mestre pouco frequentador da sua sala de recepção. Os professores de liceu são sempre obedientes no pagamento a cobradores, lutam, esforçam-se, ganham o socorro de inverno com dificuldade as mulheres dão uma mão na roda e o carro familiar desloca-se aos encontros pelo ano fora, com alegria raras vezes, com esforço sempre. Uma criadita de servir, meia ida de por desvendar, e nos dias de folga, luxo de Páscoa ou Natal, entra no património uma mulher-a-dias que limpa de cima abaixo os vidros do armário e não repara que tudo está em desalinho nas prateleiras. A vida impede a ida de muitas vezes à sala, nem para abrir o armário. Os repentinos linguísticos de pressas para ver mil e quinhentos pontos escritos, a esfolada de uma tia velha, mesmo a morrer no próximo outono, um insuportar mais de certo reumático que a senhora vem aguentando nos últimos tempos, a esperança de umas férias nas Caldas das Taipas, já Agosto bem entrado, se possível uns dias à beira-mar, na Ericeira por exemplo para o sul, e em Espinho na zona escolar da outra talhada de Portugal, — dias a correr, que fogem como atletas de pista, dias sem animação quando forte neblina encharca o horizonte de miopia. E comoção? Nej por analogia. E compaixão? Nem de parceria. Um não-te-rales que faz engolir explicações aos meninos menos preparados e que na sala da casa ainda dá meças de cixncia entre o pai da criana, advogado distinto, e a confraria de razões que o senhor doutor impele para as bali-zas postadas no crâneo do menino réprobo. Em muito poucos ocasionamentos o armário serve para mais funções, nem para dançar o tango. Ali está, encostado à parede mestra da casa, com duas gravuras de sentinela. Uma, relatando o tenebroso naufrágio da barca Ville-de Nantes; a outra, acariciando os amores de Castor e Pollux, ternura de certa desconfiança para o visitante da sala que vê naquele à-vontade efeminado um convite a fazer amor no idílio da perversão. De inverno, com os dias pequenos, o cepticismo indiligente, desatados os laços da família, cunhados que partiram para Angola à ganha de melhores cobres, o armário sente-se desmoralizado o turista naquela sala que tem uma litografia dos Alpes, oferta alemã para os professores de germânicas do liceu, bem emoldurada, a cores, cujos atractivos para o armário são sempre uma prodigalidad nquando dias e dias está isolado na sala, sem companhia, censurado de falar, e uma hipocrisia dos diabos. Os bis das portas, o mimo das cortinas mais encarnadas, o roliço da mulher-a-dias que se esquece de limpar o que vai lá por dentro, tudo transforma o pensamento num curral de ideias. Nem por atalhos, fraudes, moratórios, beliscão, bulas, alfinetes, se adultera o catitismo janota daquela piéce-de-résistence que mummia o ambiente. No quarto ao lado, a mulhef do professor dá gargalhadas.

O senhor doutor bem sabe que não deve aproximar-se muito do armário. Nem seria conveniente que os vizinhos admirassem a amplitude luxuosa do que se passa lá dentro, realce de desejos sempre contidos, lascívia de uma vida de ambição. O Mestre quase tropeça mesmo ao passar na rua, quando já à bica de perder a aula, um enterro se prepara para alterar o trânsito lusitano na encomenda de mais um cadáver para o cemitério municipal. As imagens que corriam nesse momento circulavam como -ulas en-su-tinta, folgando de ocuparem aquele espaço mental a uma hora tão matutina. Um medo horrível de ser julgado pelo reitor ao chegar de atrazo à primeira hora fazia que o Mestre atirasse as aulas para a água da sargeta, deixando um átrio asseado para as primeiras ideias da manhã, frescas, boas ao tocar da campaiña, retardando o passo para o continuo tirar as faltas, amolecendo an preocupação de, afinal!, não ter chegado tarde. O colo-

Provas enviadas à Censura em

17 de 2 de 1967

rindo de vermelho o cipreste que há pouco depositara junto do caixão cheio de lustrim que aguardava o anonimato para se recolher à eternidade. Depois, do poleiro, ele, filantropo, benfazejo, clemente, explicava às vezes uma raiz quadrada, outras um silogismo. A transcendência entusiasmava o raciocínio, afinal uma visão do além que trazia no atroz de um homicídio que não praticara. Na primeira fila os alunos de boca meio aberta paravam o pensamento, punham os miolos numa lavagem e, de caras, marravam a raiz quadrada que não havia meio de sair da cepa-torta. Os alunos no fundo da sala estudavam o latim para o ponto de frequência que na aula seguinte levava de raiz a degradingolada da turma. A vida um silogismo, um silogismo que saía permanentemente da raiz quadrada, às cavilatas das ideias, azémola, em certos momentos aguerridos. A vida e a morte era o silogismo e a raiz quadrada da existência. A boca abriu-se mais nos alunos, entravam para averiguações as conquistas da ciência com a polícia atrás para ver até que ponto a ciência era subversiva, tudo subversivo, mesmo a raiz quadrada ao entrar pela boca dos rapazes de boca aberta. Então os silogismos eram logo impedidos de entrar, esconjuros, maquinados, pegavam neles pela gola, e ali à entrada assistia-se a uma pancadaria de meia noite, sova monstra, tarefas que faziam os pensamentos, meros silogismos, gozar a morte ao penetrar nos beiços batados dos meninos a olharem para o Mestre que nessa manhã não fazia chamadas. A polícia estava atenta, raro traficava em conluios, e quando fazia cambaleio certo de que perdera a compreensão do silogismo, sentindo uma espinhela na garganta, impossibilitada de puxar a gelosia para aliviar os ardores do silogismo falecido pelo esófago abaixo. Acalmava-se o ambiente, a comadância geral abrandava no rigor um aluno desatarrasava a caneta permanente que teimava empenhada desde a véspera e o som de uma campainha alegrava os mais embarcadiços, navegantes da imaginação que nem por sombras sonhavam o que se passava dentro do armário, menos nas declarações que a polícia intimava ao embargo de ideias que andavam a monte, sem residência certa, no labirinto dos barridos de lata, fugindo às enrascadas das prisões preventivas. O professor entusiasmava-se. Com todos os diabos!, ao menos um daqueles quarenta alunos deveria perceber o que era um silogismo, mesmo corrupto, nómada, transviado, farrapeiro, um silogismo bom para adelo, clandestino, de refrega. E pela primeira vez o professor num tom normal referiu-se a que tinha lá em casa um armário onde guardava o seu viático, farnel para a ginástica às terças e quintas-feiras quando ele só entrava no liceu ao segundo tempo. Creio que seria irreverente julgar-se que o ambiente se apresentava de franca cordialidade, louvado pelas autoridades concelhias, com medalha de ouro e pelourinho de prata aquando da visita oficial à terra do encarregado das construções urbanas. Nada disto. Lérias. Fezes. Cios. Graçolas. No quarto ao lado da mulher dava gargalhadas.

O eco raras vezes se pendurava na parede. O que se ouvia vindo de dentro distinguia-se na parcimónia. Nas tardes de domingo, o ressonno obrigava o professor a procurar a sala para um descanso semanal. A memória erotizava as fibras ambulantes, ele tornara-se transumante, vagabundo, delirado, julgando que naquela sala, ao olhar para o armário, podia rir, galhofar, num pagode cheio de adjectivos, esquisito, insólito, pasmoso, hiperbólico, ateu, céptico, uma orgia que de tanta adjectivação passava à substância mais imediata, pestilenta, mítica. Tornava-se normal ao abrir o armário, sempre em tardes de céu aberto, de azul bem averiguado, para na calma de quem lê a gazeta domingueira, ele tirar dos

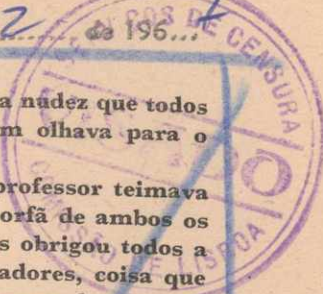
cabides do armário uns gémeos que estavam mortos há muitos anos. Limpava, cadudia o pó que a mulher-a-dias, sempre avara nas limpezas, deixara acumular durante os últimos tempos, não se importando para nada que ali estivesse dois seres abandonados à intempérie, ouvindo as asneiras que corriam aos domingos pela nicotina do cigarro. A ramela custava muito a sair, hospedava-se sem cerimónia nos locais de melhor vista, exigia primeiro contacto Com um pano de pó, a paciência de quem ao longo de uma vida aturou muitos meninos estúpidos, cábulas, mal educados, o professor contemplava o armário escancarado, segurando an mão direita a cabeça de um dos gémeos, com a esquerda tentava na limpeza aliviar a situação. Inútil ter pressas para dar vida a um morto era precisa muita calma, perseverança, levantar-se e ir até à janela confirmar de que estava mesmo bom tempo, tarde alegre para levar os mortos a passeio ela Baixa, assim não se constipariam. A escova de dentes servia muito bem para os dois, raro estranhavam, nascidos de um mesmo parto, satisfaziam-se com uma mesma higiénica. Raro o professor deitava elixir, seria responsabilidade muito grande a que se expunha. Nem mesmo tinha condições financeiras para sustentar mais duas pessoas em casa. A pasta de dentes bastava. Precisamente nesse momento principiava o diálogo, abria-se no seu mutismo desmazeladão dava-se ao luxo de começar a contar, sem qualquer espécie de água benta, o que fora a semana na companhia do silogismo, da mulher, da raiz quadrada, do eléctrico, do reitor, do despacho do ministro autorizando os mortos a serem enterrados fora dos cemitérios. Estava salvo, sim, isto ele queria dizer aos gémeos, primeiro para não se assustarem da sua clandestinidade, e em segundo lugar para que soubessem que tinham garantidos os passeios de domingo, as tardes outonais, ou de estio, em que pelas quatro horas da tarde — hora fatal de província — já fora da sonolência, os trxs pudessem apanhar fresco, uma briza, nas avenidas da cidade. Bem sei que havia sempre o problema da alimentação os gémeos comiam bem, apreciando mioleira de borrego e sarrabulhada, esta mais difícil de arranjar fora da época de Natal. As unhas sujas mostravam o diabo, um trabalho para cortar as peles, mas uma coisa surgia certa os gémeos não podiam sair à rua sem um pouco de toilette, acarinhadados de higiene. O que diriam os vizinhos ao ver que ele tratava tão mal os mortos naquela casa? A ataques laterais poucas vezes se expunha. O surro alojara-se satisfeito, e quando uma terrina de água quase a ferver obrigou as quatro mãos a ficarem de molho houve um ai ai de receio, quase bem medo, de que os gémeos queimassem as pontas dos dedos. As calças sempre penduradas nunca necessitavam de brunir os vincos, talvez o pior de tudo fosse o momento de pôr os sapatos, os pés estavam muito inchados pela falta de exercício e não havia medida que bastasse ao desgoverno da ânsia de ambos saltarem para a sala. O professor só de tempos a tempos se zangava, menos amuava quando via realmente que umas varizes muito grandes, descontentes, enojadas do azul à mostra, queriam à pressa ser tratadas para que no passeio público não fizessem vista. «Eih-nem vos digo o que foi a minha semana, bem quis explicar aos do sétimo o que era um silogismo, lembrei-lhes a raiz quadrada, falei-lhes das premissas, das licenças camarárias, do bilhete de identidade, das conservatórias do despacho, falei-lhes em voz alta. Estão a ouvir?» — Os gémeos calavam-se, há muitos anos que a conversa era sempre a mesma, queixas do silogismo da situa-



ção, queixas das averiguações, das tropas miguelistas, da censura prévia que obrigava os compndios a serem revistos nos bolsos e nas carteiras. Ele tinha razão, mas uma razão de todos os dias. Os gémeos pouco aguentavam a balbúrpreso por deprimir tanto silogismo, menoscar a estupidez nacional, apoucar o desgoverno de tanto e tanto esbanjamento e inutilidade. Como não conseguiu explicar à polícia o silogismo, ele foi obrigado a voltar a casa, deixaram-no em paz depois de quase seis meses de comer à tripa forra à custa do contribuinte. E até foi bom que se passasse assim, pois os gémeos já se sentiam muito sós dentro daquele armário, semanas e semanas à espera que ele voltasse para, finalmente, poderem ir deabalada pelas tardes de domingo, e este era um privilégio revista à casa eles acordaram para dar o menor sinal de vida. Abriu as portas, afastou o cetim vermelho e viu no cabide os dois gémeos de olhos fechados. Dizia à wor dos lábios que não aqueciam nem arrefeciam, puxou-lhes o colarinho, torceu-lhes as orelhas, «estão motrosô Para que vale levar isto para averiguações, não adintam para nada á nossa ficha de investigação?ô» O da secreta desrespeitava o mais sagrado dever de venerar os mortos, precisamente a ofensa que os gémeos sentiram fundo na sua alma. Antes o silogismo da vida do professor, os passeios de mão dada, a pancada na mola de tanto trinca-espinhas que viam na rua quando espreitavam à espera da água quente para as unhas. «Vamos sair hoje e ver o rio, lá abaixo, está um dia tão bonito.» «Tenham calma, eu vos darei, hoje domingo uma festa de arromba. Sinto-me livre fora da perseguição, nem perceberam que vocxs estavam aqui à minha esperaô»

Um dos gémeos teimava em sair fantasiado, de dominó, telhudo como qux, sorriso canino, voz de falsete, matulo, logo que se apnhava na sala mexericava em tudo. Pegava nas jarras de Cantão que o professor trouxera de uma examinação em Macau, equilibrava nas mãos a paciência enquanto o outro gémeo se penteava a preceito. Ambos muito diferentes cada um queria a sua coisa, os dois no entanto correspondiam à paixão do professor que sempre alimentara a esperança de viver sossegado, com falas meigas, amor fraternal, filial se pudesse ser, um amor de sair todos os domingos, bancário sem mais nem menos, um amor gémeo, que fosse distribuído ao mesmo tempo, consignado à sua decxncia de funcionário público.

O segundo gémeo estava mais morto do que o primeiro. Preciou de sacudidelas, espanejador para cócegas, palmadas nas costas, e até a aventura de um toque testicular para o professor cientificamente provocar o sogisilmo da procriação. A este sinal descarado, de vergonha para o outro gémeo, o gémeo deu acordo. Falava-lhe o mundo pelo sexo, espivetou-se, nu saltou para a sala procurando uma meretriz que não estava ali. U minferno para se ter nas pernas, comichão nos peitos quase fazia atirar as jarras ao chão. Frio com certeza, também deixara-se ficar sem roupa durante os meses em que o professor estivera para averiguações. Vestiu-se rápido, sabia bem que naquela figura não saía à rua, eram ordens expressas dos editais que os nús estavam proibidos de passear pelas avenidas, apenas se permitiam nos locais reservados ao público da província. O professor achava graça, ria-se das brincadeiras, eram bons rapazes, simpáticos ouviam a lenga-lenga da raiz quadrada, dos meninos mal comportados, da senhora a dar uma mão na roda. O céu azul de trxs e meia dizia-lhes que



daí a pouco estariam na rua, um morto de fantasia, outro com a nudez que todos reconheciam mesmo vestido de sobretudo e chapéu mole. Um olhava para o outro, tocavam-se sem maldade.

Quando chegaram a casa foi um escarcéu dos diabos. O professor teimava em trazer para o armário uma menina que apanhara na rua, orfã de ambos os lados, triste de Misericórdia. A longa discussão com os gémeos obrigou todos a visitarem uma garagem monumental, cheia de bombas e elevadores, coisa que não interessava para nada quem saíra à rua para apanhar um pouco de ar vindo em revoadas do céu azul, um céu de quatro horas da tarde, agora trocado pela fantasia de um tecto sem fantasia. Quando o professor, com um gémeo morto debaixo de cada braço atravessou o Rocio, os outros meninos do liceu que não estavam ali pensar na inveja de um passeio em que, se fossem na companhia da raiz quadrada — como era conhecido o mestre — podiam ainda engraxar um pouco, dar-lhe a manteiga a que ultimamente se tornara tão sensível, epeubar o professor. De facto era um privilégio para dois mortos andar assim na praça principal da cidade de mãos dadas com um dos feras do ensino licela no país ultramarino. A menina sentia-se arrastada para uma casa que não conhecia, caminhava a medo, sem espreitar o derricko que um dos gémeos já estava ao passar-se-lhe de susto para as mãos. Afrouxaram os estilhaços de sensibilidade, a desconfiança de que o professor iria cometer algum acto contra a natureza, mais grave tratando-se de uma menor. «Entre vivos e mortos alguém se há-de salvar», dizia ele ao colocar a chave na fechadura da casa. «Foi uma bela excursão». «Passeios destes fazem bem a toda a gente». Eles cqlavam-se, não sabiam se voltavam para o armário, ou se finalmente iria ser chamado o cangalheiro para os tirar daquela posição na sala de visitas, agora melhorada com a esperança de que a menina ficasse com eles até quando viesse o apetite para novo giro. Nenhum deles se importava com as denúncias, não tinham medo. Ainda há pouco na Inglaterra um médico fora encontrado com quinze pessoas emparedadas em casa, indiferente à opinião pública mundial e à inquisição. Talvez a leitura dos jornais onde se relatava o facto tivesse entusiasmado o dono do armário a pegar na orfã e a traz-la para casa. Distraído não pensava nas gravíssimas implicações de carácter jurídico que o assunto podia tomar. Num relance ficou impressionado, nervoso, quase a disparatar quando a menina pediu para tirar a boina. Irritou-se, pinoteou, começou aos dichotes, uma série de chefas que perplexou os trxs de olhos esgazeados para quem os havia tratado nas palmilhas. Seria consciñcia? Seria ambivalñcia, agora excedida numa trindade? Tornava-se muito difícil ajuizar quem da vida só levava o silogismo e a raiz quadrada. Pouco havia de mais conversas, bem sei que nos momentos lúcidos ele era unisexual, raro mencionava a sua paixão pelos gémeos, mesmo a menina seria apenas para se distrair nas horas vagas, ela podia sair do armário sem incomodar muito a mulher-a-dias ou a criadita de Bucelas, há pouco admitida para todo o serviço. Dormia no armário, passeava em casa e até podia ajudar um pouco na lida de casa, atestar de assinaturas os pontos escritos, empamurrar as horas de descanso com jogos de quebra-cabeça, distrair de beijos o professor ao chegar a casa, agarrar-se-lhe ao pescoço, lamber-lhe as orelas, deixá-lo entretido num fa-niente em que de uma vez para sempre lhe passasse a paixão pelos gémeos, razão de ser da raiz quadrada e do silogismo da vida, dados básicos da sua higiene psíquica. No quarto ao lado a mulher dava gargalhadas.

O drama mental do mestre eles não percebiam, nem os mortos nem a órfã. O professor, na verdade, debatia-se numa bazófia gadelhuda, convencido no íntimo de que podia ter um amor gémeo, inseparável, siamxs. Como se isso fosse possível e admitido pela polícia. Sim, quanto tempo não duraria o seu processo se fosse incriminado? O policiame não estava isento de ser policiado, de ser acusado de incompetente, não nas práticas policiais, mas sim na sua burocracia, na sua falta de método, eficiência administrativa, dados totalmente alheios à vigilância que prestava a casos de periferia ou de suborno de tráfico de estupefacientes, mesmo escravatura branca. Se os gémeos se apaixonassem pela menina, ele matava-os, de ganho, bifurcava-os num antro muito espaçoso e aos trxs fazia cometer as maiores azias da vida. Gemidos, lamentts, cohros, prantos, lamúrias, nada o faria mover. Estava arrependido de ter trazido para casa a menina. Fora por caridade? Não. Talvez um querer regenerar-se da vida sedentária que levava há anos, naquela paixão assolapada pelos dois que tão inocentes todos os domingos saltavam à rua para um capilé e bolos secos sem natas. A órfã começara logo a criar-lhe problemas ao pegar nas duas jarras de Cantão, julgava que eram de plástico, um susto tão grande na sala que o armário ficou perplexo. Com objectos daqueles não se brincava, nem a brincar. Antes da janta ainda tinha muito ponto escrito para classificar, de forma que o melhor era pendurar os gémeos e sentar ao lado a menina.

94



O céu azul caía de palmada gratificando o fim de tarde. As abelhas na rodada do tempo pousavam sobre tenras cores. Uma poeira ficara nos deods, a jarra não estava como devia, o sol aquecera demasiado a vidraça e dilatava os corpos. Precisava de cuidado com os gémeos. Limpou também os gémeos, tirou-lhes a gravata, beijou-os numa despedida comovente e, sem pestanejar, colocou-os delicadamente, como quem peha em bisturi, no interior do armário. Depois olhou para a menina e pensou que lhe faltava uma cadeira para ela se sentar, as cadeiras eram dotas muito incómodas naquela sala, e ela precisava de estar confortável dentro do armário durante os dias em que os gémeos viviam ausentes. Seria possível que o mestre também se apaixonasse por ela? Nem queria pensar nisso. Ela, uma felosa, sem tostão nem vestidos de bordado, ele de mulher no quarto

Termo — OSCAR
 ao lado nem ligaria importância. Uma tragédia respirar assim, desprezada, abandonada, ao deus-dará de quem a alimentasse. Se os menos houvesse amor? Ah se houvesse amor tudo aguentaria, mesmo fechada no armário, sem beber nem comer, com amor alimeftava-se para uma semana, mais magrinha por causa da paixão! Ah! mas as grandes dores são longa vida. Seria melhor do que andar nos largos e nas praças da cidade atrás de recrutas, sofrendo o desmazelo dos grumetes, a tirania dos meninos do liceu que só lhe contavam histórias do silogismo e da raiz quadrada. Ela percebia pataquina dessas coisas? Continha-se de amor, regenerava o vício, e, coitada, ali feliz por ter dois amigos e um professor que ainda podia explicar tanta coisa que nem fazia bem ideia, sobretudo amor, um amor que de certo não era dormir com cinquenta soldados por mês, vinte marujos por semana. Mas o professor gostaria mesmo de lhe explicar o que nem a polícia fora capaz quando numa rusga a apanhou menor indocumentada? Ela não sabia o que era menor ou maior, e optou pela primeira alternativa. Sim era menor, então casa correccional. Fugira daí a dois dias, tinha saudades da vida de lagarta, da bsculha na vadiagem, dos cataclismo sem economias. E os gémeos? Uns inocentes, sem perceber o que a paixão do meste fazia adivinhar tocando-lhes na cara, acariciando as costas, moldando o desejo ao querer mais de amor. Não se importava de experimentar, se ele fosse muito cruel a solução resumia-se num abrir a porta e sair para a rua. Vivia sem qualquer compromisso, nada que ficasse a dever, fora ele quem a convidara, oferecera cama e roupa lavada, não dissera que o quarto ficava num armário. Ah! Ela tinha dormido em tanta enxerga que ali encostada às cortinas de cetineta vermelha pouco estranharia. Acalmava os desejos, podia amar os gémeos. Esperou que o professor lesse e corrigisse mil e quinhentos silogismos e reprovasse outras tantas raízes quadradas. Altas horas da noite ela sentiu que alguém abria a porta do armário. Acordou da sonolncia e falou com ele. Primeiro reparou que ele fez festas nos mortos e só depois lhe perguntou se precisava de alguma coisa, antes de se deitar queria saber como estava tudo em casa. Disse-lhe que havia um copo com água, mesmo ao pé da secretária, para de noite, se tivesse sede. «Boa noite». No quarto ao lado a mulher dava gargalhadas.

O professor continuava preocupado. A natureza dele não era a de matar, menos servir-se dos convidados para abusar da integridade física. No moral

16 de ...
de ...

dominava, cruel de pormenor, exigindo dos gémeos verdadeiros actos de abnegação, um sadismo de esquizofrénico, louco, quando nos dias seguintes abria a porta do armário, mesmo antes de sair para as aulas e olhava para os mortos contemplando uma obra de arte. A órfã bem implorava, dizia-lhe que era muito aborrecido estar ali sentada sem ter ninguém com quem falar, as noites muito longas, cheias de medo, ouvindo os ratos que avançavam para os gémeos sem poderem entrar no armário, roendo as costas, num salsifré dos demónios, bailes com ratazanas, velhas, telhudas, do século XX, todas cheias de pó, vindas de clubes suspeitos, casas de má nota. E ela, menina órfã, ali a assistir a tudo sem poder dizer palavra, à espera que pela manhã cedo antes de ir para o liceu o mestre se viesse despedir. Como era cruel continuar naquela não-existência? Como? Ela implorava, estava a ficar mais pequena, a cadeira muito estreita, derreitada de costas, e ele sempre a dizer que no domingo iam os trxs passear, que não se preocupasse com essas coisas, tudo passa na vida, ela ainda nova podia encontrar alguém no futuro que a mimasse. Ele oferecia-a a outros, este o drama da órfã. Todas as manhãs ele aparecia, depois do pequeno almoço, de pigarro, acendendo o primeiro charuto, dos baratos, cópia ed havanos, e abria ali escancarado. «No domingo...» Era a ilusão, uma ilusão de papalvo. Nicles. Ele bemse distraía até ao edifício do liceu, via tanta gente, não se importava para nada com os que deixara em casa. A mulher ainda menos, pouco ligava, nunca ia à sala ver quem lá estava. O trabalho cançava tanto que ao fim da tarde tomava um chá com torradas e metia-se na cama. Qual sala, qual carapuça. De orelha murcha, deixando a criadita fazer os fritos, peixe-espada às cavalitas numa batata, a mulher queria arregalar os ouvidos numa música do telefonía e vestir o roupão para de chinelos aliviar o trânsito doméstico. O resto uma s férias. «Eu não quero que a mulher-a-dias mexa no armário, eu mesmo limpo o pó». Ordens, um espantinho. Bolas, dizia para consigo, manias de velho. Esuisticices de um espirra-canivetes. Agora com a siama de que lhe tiram as coisas do armário. Também qual o valor que hoje tem um par de gémeos. Ela não sabia da órfã, claro. Desconhecia da entrada em casa da menina órfã. Estava furtiva, numa clandestinidade que era caso de polícia, assim em casa alheia. Os mortos ainda vá, ninguém os queria receber, até era um acto de caridade para o marido, tinha com que se entreter nos domingos e feriados, também se não fosse essa ocupação o que faria ele? Amor? A mulher já não praticava há muitos anos, ia-se abaixo das canetas. Ele entretinha-se com os dois, um arranjinho mesmo caseiro, discreto de que os vizinhos só se davam conta uma vez por semana, e mesmo os que não viajavam para fora.

A mulher sofria de longa data, sofria para não interferir na desgraça alheia, ela sentia a própria desgraça do marido ter botado assim uma paixão por dois, paixão que a criadita julgava tratar-se de maluqueira, sobretudo a ternura com que tratava os dois logo às quatro horas da tarde, no mesmo momento em que a criadita na folga de domingo saía para ir de visita a uns tios de Bucelas que há anos merceavam perto da Rotunda, não longe do Rocio onde ele teimava todos os domingos a bracear os gémeos. Um lirú. Jarreta que ainda imaginava possível fazer alguma coisa de jeito nos campos vastos do amor. Ilusórias do caneco, mal sabiam que trazia agora uma lambisgóia. Seria paixão? Ele ainda não a beijara,

de certo receio de ciúmes, os gémeos se vissem tal coisa ali no armário deitavam tudo abaixo, e quem beija quer mais, quer tudo, por todos os lados, sófrego, saía para fora. Estava provado com os dois, ele tanto lhes quis que os matou. No caminho para o liceu a dúvida terrível aprofundava o mestre. Não era justo mudar de paixão, saltar para a órfã, abandonar os dois que lhe tinham dado tanto amor durante tantos anos, companheiros inseparáveis dos domingos, estava a praticar um acto de injustiça a quem nunca fora injusto com ele. O melhor era desfazer-se da menina, com o sem silogismo, eliminá-la devagarinho, como quem extrai a raiz quadrada. Almoçava na cantina, nem coragem para ir a casa, estava a vacilar, caturreira que não podia emprestar a si próprio. Coragem! Ela ainda estava viva, muito mais fácil e menos dispendioso do que a trapalhada toda dos mortos, certidões de óbito, o que isso não custara aos gémeos, habilitações e nada, autorizações para ter dois gémeos em casa, enfim um mundo de problemas que não valia a pena expor-se por causa de uma miúda da Misericórdia com quem ele já não podia fazer nada, nem apetite sentia além de a poder matar e sair depois com ela todos os domingos e feriados. Impunha-se uma resolução. E se os gémeos mostrassem ciúmes? Até podiam querer não voltar para o armário. Ah! O mestre voltava evitar dramas, a vida dele já era um drama, sobreviver com um ordenado daqueles só se compreendia por meio de milagres, milagres nacionais, diários, para pobres à escala da incompreensão. Tantas lições à tarde, à noite, sempre a explicar aos meninos a riqueza do silogismo, a beleza das premissas, e nada mais podia adiantar quanto à sua fome íntima de amor.

Muito fácil ele regressaria ao fim da tarde a casa, escancarava o armário e tirava a menina cá para fora, abria-lhe a porta, meia dúzia de patacos, e punha-a na rua. O órfã viera da rua, não estranharia as pedras da calçada. E o polícia-me? Podia apanhá-lo, sabido que ela era menor, e ele casado. Tivera a menina em casa durante quase uma semana. O problema surgia muito grave, como resolvê-lo assim do pé para a mão? Uma saudade imensa, wuvial, dos dois gémeos perspalhou-se-lhe pela memória. Lembrava-se dos primeiros tempos, de fatinhos à marujo, lambendo chupas-chupas, quando ainda não estavam bem mortos e ele aproveitava para os acariciar, ternuras de beijos, festas de arrepios, um sem conta de amor que o distraía errando o silogismo perante os alunos na sala de aula.

Ao voltar a casa o professor estava perplexo. Sem simetrias, derreido no pavimento, a carga assentava nas costas, um pesadelo de trxs em pipa. As pessoas que olhavam para ele sentiam que qualquer coisa de grave passava na alma daquele ser. Os carros evitavam paragens bruscas. A sua complexão média, organismo sem muitas cicatrizes, aceitava olhar para as taboletas impedido de pestanejar. Refrescava-se, mas sem ideias. A vida assim não podia continuar, um verdadeiro excesso, de aulas, de amor, de mortos. Seria melhor ele próprio ficar órfão. E o reitor o que tinha com isso? Queria-se meter na vida alheia. Ele nunca dera escândalo. O maior dos cuidados em manter a sua decência dominical, sempre vestido com um fato completo, as saídas revestiam-se de uma dignidade só igualada nas remodelações ministeriais, uma total seriedade de nada. Os gémeos na rua raro incomodavam alguém, gostavam até de assistir no Rocio ao jogo de água que dos lagos espargia quem se aventurasse ao pé, ou em dias de vento atirava chavinhas para longe, banhando ainda de surpresa que já não esperava molhar-se. A paixão pelos dois inibia-o de parar na pastelaria. Pouco ligava a quatro meninos da

sexta turma do sétimo ano que aproveitaram para lhe passar à frente descobrindo-se de boné na mão e comentário no pensamento. Entre professor e o armário havia uma absoluta modulação de frequência. Ele ao caminhar na rua via os seus dois mortos pendurados no cabide à espera de domingo, como catitas, contentes de poderem finalmente sair na companhia de quem tanto os amava. O pó reparava-se menos, muito menos do que no verão, pó no inverno raria, não faz pensar. Eles conservavam-se muito melhor de inverno do que no verão com as poeiras trazidas pela mortada, folhas que depositavam retos no beiral da janela, dando entradas com descaramento pela sala, e depois aos tufos pequenos assentava-se sem cerimónia nos ombros do gémeos. De inverno o mestre pegava neles logo às trxs e meia, festava-lhes a cara, um beijo de abraço e sem pestanejar saltavam cá para baixo e começavam a mexer-se. Ele então ficava babado, cheio de ternura, sem maldade puxava-lhes as bochechas, acariciava a nuca, aplainava pelas costas abaixo, tudo numa inocência de amor que os gémeos mal compreendiam, mas sempre aceitavam. Porque diabo ofora ele trazer para casa aquela órfã com quem nem para a cama já podia ir? Sim, o begbicacho preocupava-o ao atravessar a rua em cima das zebras. ultimamente pintadas no piso. Se a mulher se apaixonasse por ela seria terrível, lesbiano dois dramas em casa não havia reitor que aguentasse, seria demitido a bem do serviço público, lá se iam os passeios aos domingos e ele tão bem vestido, parecia até um médico de sociedade. Torturava-se. E mandar outra vez a menina para a vida? Isso é que seria justiça? Uma justiça aplaudida pelo reitor, por todos os companheiros e colegas nos diversos estabelecimentos de ensino da capital e das cidades satélites. O que seria aquele ser inocente a ouvir outras vezes o assobios, as chamadas, os convites, as discussões de preço, um dos recrutas não podia dar mais de vinte paus, estava já nas lonas. E ela lá acabou por ir, sempre eram vinte, dava para uma refeição, depois esperava-se, um desconto de saldo, fim de estação. Agora ela ali no armário podia ainda levar uma vida regenerada. Regenerada de que? Do amor. Ea apaixonara-se pelo professor não pelo homem. Vira-o tão terno com os gémeos, julgara que eram filhos, uns filhos distantes, filhos de domingo, ternuras adoçadas, abrandadas no fim de semana pelo ar fresco de uma voltinha a meio da arde. Gostara dele logo, não resistira ao primeiro amor, aproximara-se dele, os gémeos muito contentes por terem alguém que falasse com eles ao domingo, único dia em que saíam do armário para uma volta. Se perdessem a ocasião... fora bom para falarem do quase nada, de risinhos, gargalhadinhas insurretas, hipnóticas, misantropas. Deram-se de mãos, sem maldade, umas mãos diferentes do recruta que apertava. A culpa fora dele. Acanhara-se de lhe dizer que era casado, que tinha a mulher em casa. Sim, uma hipócrita, a querer tirar o suco da vida sem a regar. Lutava contra jogar às escondidas. Não estava no seu carácter mentir, nunca entira, nem quando o pliciam lhe entrou pela casa dentro para uma revista de alto abaixo, ele declarara os gémeos, a polícia não se interessara pelos mortos, vaculhara tudo, não levava nada, ele era íntegro, erudito na raiz quadrada e no silogismo, dedicado ao serviço público. Fora uma denúncia feita ao reitor por dois pais de alunos, dois juntos, tão machos que se adoravam um ao outro, adoravam-se pela frustração de não se quererem amar, de todos os dias resistirem à prática do amor. Fraom eles revoltados que acusaram o professor de ter em casa pessoas subversivas, dar guarida a membros de sociedades proibidas na lei vigente. Denúncia reles, soez, barrasca, própria do consumo da média normal dos cidadãos. O reitor alarmara-se, ficara atarantado

com medo de ser homossexual, ainda pensara nisso... E agora uma órfã! O que diriam as colegas frustradas que ensinavam o latim numa má disposição de Nero com saias. O que diriam as mestras enclausuradas na sua falta de enlace sexual, bocejando, embatucadas de susto ao saber que uma menor vivia na casa do colega de aula, do professor considerado, do Mestre que em vida publicara dois manuais de primeira relatados ao ensino do silogismo e à extracção da raiz guardada. Sim essas mulheres pervertiam-no, exigiram a força pública, um batalhão de guarda municipal republicana, monárquica. Como podiam sentar-se à mesa do conselho escolar e dar notas na companhia de um homem que desvirtuava a raça, desencaminhava menores e, dizia-se, vivia com dois gémeos em casa. Ele saltara para o outro lado do passeio, amedrontado. Tiravam-lhe o dinheiro, tiravam-lhe as explicações que utilizava no verão a águas, para tirar a bÍlis de tanta cega-rega. No quarto ao lado a mulher dava gargalhadas.

Também era ridículo matar a menina, O que diriam na Misericórdia? Matar é pecado, Crime grave contra a segurança do estado, contra a religião, crime sem penitência, com degredo, crime que amedrontava. Se não fossem as consequências, ele matava, matava-a, a li, sem escrúpulos, a vontade era matar, isso não fugia do seu pensamento, nada tinha que ver com as consequências, desculpa para não matar, para cobardia. Que escândalo seria um professor do liceu matar uma órfã por sadismo e passear com dois mortos aos domingos à tarde. Fora por bondade que a convidara a entrar em casa, fim de tarde, acanhou-se de dizer à mulher que encontrara uma menina tão simples na via pública. A mulher não compreenderia, quando foi dos gémeos dera tan osarilho que não valia a pena estar a meter mais lenha na fogueira. Desculpava-se consigo próprio, absolvía-se, ele mesmo exonerava-se do cargo ao tropeçar na gola de uma árvore que no passeio olhava com desdém para ele. Não tinha dinheiro para sustentar duas criadas, essa a solução mais fácil, enquanto atalhava não distraía os outros, seria bom na opinião dos médicos recuperadores que a menina ocupasse o tempo e nzo ficasse todo o santo dia fechada no armário à espera que ele voltasse e abrisse porta para e ainda sofrer o vexame de só ligar meia aos gémeos. E a ela só perguntava se estava bem. E a menina sentada naquela cadeira cada vez mais acanhadas, numa posição incómoda, pés inchados, sobranceiras caídas. Sentia-se em apertos. Chegar àquela idade para uma situação tão de cólicas. Quando meteu a fechadura em casa a mão prendeu-se de cólera, absteve-se, o murro foi só mental, de pantanas nas saudades que o assolavam oa ver aquela menina a brincar no campo, jogar inocente ao arco, atirar o balão, confundir-se com as wores, beber laranja de picos, provar um vestido feito pela caseira, ir à missa com o preceito da catequese e eperar a Páscoa. Ah! a procissão com andores e anjinhos e ela de Nossa Senhora. E ele ia agora matar Nossa Senhora! Nefando crime. Pousou o chapéu, encostou o casacão que resvalou do cabide, esffegou o sapatos no capacho, olhou para as galochas que não tinha levado, deu um jeito no guarda-chuva tombado para o contador do gás, banou a cabeça, olhou para a porta da sala, ali mesmo à esquerda depois de trxs degraus, e cheio de coragem, uma coragem de padre e de assassino, uma coragem de bem e de mal, subiu degrau a degrau arastando a memória, prendendo o desejo de um dia de amanhã, absorvido na resolução de um silogismo de vida para o qual não podia tirar a raiz quadrada. No quarto ao lado a mulher ainda dava gargalhadas.



ANTOLOGIA

O CASO CHARLES DAVIS

Nota da Redacção — O Concílio Vaticano II, a que O TEMPO E O MODO dedicou boa parte da sua atenção, não terminou com a sessão de Dezembro de 1965. Para além do lugar-comum que esta frase encerra, aponta-se nela uma verdade; a de o movimento por ele iniciado só agora começa a produzir os seus frutos, que, em muitos casos, ultrapassam as previsões possíveis e imprimem à Igreja Católica facetas inéditas e surpreendentes.

Segundo a intenção profética de João XIII, o Concílio procurou transformar e torná-la atenta aos sinais dos tempos, para tanto procedendo ao necessário «aggiornamento». Para lá deste termo, que rapidamente entrou em voga, uma dura e difícil tarefa se apresenta a todos os cristãos; transformar uma estrutura, a muitos títulos estática e anquilosada, numa estrutura dinâmica e aberta. Aberta aos problemas do mundo e do homem contemporâneos.

O que isto significa em termos meramente humanos, sabem-no quantos compreendem o que é uma realidade institucional, quanto nela, necessariamente, se insere de forças e de fraquezas, e o peso que normalmente opõe a qualquer transformação drástica. Estará o empreendimento, no caso da Igreja Católica, votado ao malogro?

Tratar-se-á, segundo a parábola evangélica, da tentativa impossível de meter vinho novo em odres velhos? Ou, pelo contrário, se prepara um odre novo ao novo vinho por que o mundo espera? Não se irá pôr tudo em causa e, ao iniciarem-se as obras, não ruirá o edifício que, de tão velha, as não suporta já? Outras tantas interrogações a que o homem de fé responderá com a palavra de Cristo, segundo a qual nada prevalecerá contra a Igreja, e a que aquele que a não tem se guardará de dar resposta, esperando o futuro.

Esse futuro do Concílio, neste ano sobre ele decorrido, não se tem revelado fácil. Habitados a um longo e passivo silêncio, a uma aceitação ambíguamente obediente, os cristãos, convidados a fazerem ouvir a sua voz, oscilam entre o medo de falar e o desejo de tudo dizer, porventura de dizer demais. Por outras palavras, enquanto uns se mostram nostálgicos da antiga e doce paz (nada se discute, tudo se acata) outros são levados, com mais ou menor precipitação, a pôr em causa os próprios fundamentos doutrinários e a estrutura dogmática da Igreja a que pertencem.

Donde, polémicas e controvérsias azedas entre os «conservadores» e «revisionistas», donde uma certa desorientação, em que alguns vêem um magnífico sinal de vitalidade e outros apocalípticas prefigurações de tempos infernais. A tentação do integrismo e a tentação do modernismo voltam a ser tentações familiares ao Povo de Deus.

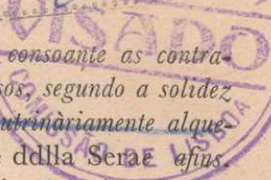
Como responder-lhes? Será que a actual estrutura da Igreja deve desaparecer para dar lugar a outra, mais próxima da Verdade pré-gada por Cristo e do espírito evangélico? Ou será que o desejo de a manter prevalecerá sobre essa mesma Verdade? O movimento ecuménico, com o diálogo procurado pela Igreja Católica com as outras Igrejas, deve levar-nos a concluir que a unidade dos cristãos determinará uma futura Igreja, muito diversa da actual? Deve a Igreja Cató-

Manuel Lucena

«O TEMPO E O MOTO» N.º 65

Provas enviadas à Censura

17 de 1967



Como regra a imprensa mostra-se de benévola a entusiasta, consoante as condições implícitas na boa cara de cada qual e também, em certos casos, segundo a solidez do descaramento, que é bem visível nos jornais da ~~meia-direita doutrinariamente alquebrada, a quem estão violando as ideias~~: Il Messagero, Corriere della Sera e afins. Estes jornais limitam conscienciosamente o significado dos acontecimentos, introduzindo «distingnos» com uma ostentação que denúncio o aperto mesmo quando acerta. Ou, revelam noutros casos penosa factura entre a economia e a política, ou entre a política interna e a estrangeira... etc. Riem e amuam com grande volubilidade. É natural.

Não assim La Stampa, órgão automobilístico. Grande artifice do abraço, a casa de Turim de bordo tempestivamente, não precisando hoje de recorrer a malabarismo verbais. A sua política é paulatina, conhecedora dos terrenos que pisa. Empresa de larga visão, jornal sério. Com efeito, La Stampa ao esmo tempo que os seus pontos de vista transcreve imparcialmente os dos Izvestia o sem temor. Afirma, na sua, que «Pogorny, em Turim, saúda a cidade da Reistência e da indústria». E oferece-nos a descrição soviética de tal cidade e tal indústria. Vale a pena citar os Izvestia, de resto:

«A Fiat é uma grande e moderna indústria, que serve o progresso. Há quinze anos, em Turim, muita gente andava de bicicleta ou de «scooter». Agora há nessa cidade mais de 800 mil automóveis para 1 milhão e duzentos mil habitantes. Eis o que nunca teria sido possível se a Fiat tivesse produzido viaturas para um número restrito de pessoas, isto é, automóveis de luxo. (...) (A Fiat, de facto, produziu-os baratos, isto é, automóveis de luxo. (...) A Fiat, de facto, produziu-os cada vez mais baratos. À linha luxuosa antepõe a linha elegante. A tendência é para a produção de massa: eis o carácter progressivo da Fiat.»

Prosseguindo nas suas apreciações, o quotidiano moscovita alude porventura às últimas grandes greves metal-mecânicas nos seguintes termos:

«Que termos a aprender com a Fiat? Em primeiro lugar a organização produtiva, que transforma o automóvel em alavanca do progresso técnico. Pois automóvel significa estradas, estações de serviço, peças sobressalentes ...etc. Em segundo lugar impressionou-nos o elevadíssimo grau de racionalização da indústria turivesa, que poupa ao operário um inútil dispêndio de energias físicas e intelectuais.»

Interrogando finalmente acerca das causas disto, o articulista encaminha-se para a escola «Giovani Agnelli» (o maior accionista da empresa) «aonde os professores são a escola «Giovani Agnelli» (o maior accionista da empresa) «aonde os professores são os próprios engenheiros ensinando durante as horas de trabalho»; e proclama:

«O mérito é do professor Valletta (presidente da Fiat, n. d. r.), que assim soube criar dezenas de milhar de geniais eperários e engenheiros... É um homem amante do trabalho; a sua preparação e esperiência uni-

114

141
190

«O TEMPO E O MODO» N.º 45

Provas enviadas a Censura

28 de 2

Ref. 1



Início — OSCAR

COMENTÁRIO AO CORRER DA PENA SOBRE A EMIGRAÇÃO DE CAPITALS

A fuga de capitais portugueses para o estrangeiro, dizem que começou na primavera de 1961, e as razões que motivaram semelhante acontecimento foram fundamentalmente de carácter político. Fruto do incerto futuro que o terrorismo «bacongo» parecia a cu to prazo pintar de luto. Porém 6 anos passados sobre essa data. Os escudos que então sairão, e eram muitos, pertenciam a poucos; e, quando tempo passado, o Governo contraiu o célebre empréstimo externo de 53/40%, no Estado de Nova York, soube-se que acorreram a subscrevê-lo integralmente os capitais portugueses estrangeiros, que assim recebiam um juro mais remunerador, do que aquele que o mercado de capitais interno na generalidade oferecia, ainda com a vantagem do juro ser pago em dólares e a certeza de que o Doutor Oliveira Salazar pagaria a dívida pontualmente. Depois, outros empréstimos se fizeram e outra efemérica surgiu. A desvalorização dos títulos de encargos de 5 3/40% em relação aos posteriores, contraídos pelo Governo, a juro mais elevado. Mas isto fuge-nos ao assunto.

Surgiu depois, na Imprensa diária, e nas bocas do mundo português o conhecimento de que havia uma organização com sede da Suíça e supomos que avalizada por seguríssimos banqueiros, denominada «Faund of Fansds» que estava a vender títulos em Portugal a quem dispusesse de um mínimo de mil dólares, em dinheiro português, prometendo um rendimento de juros anuais «fabulosos» superiores a 10%.

Sucedeu que se galvanizaram os espíritos... Mas convém abrir um parêntesis.

Portugal, com todo o encanto que o rodeia, é um país de capital altamente aristocrático. Não existindo uma legislação de protecção às minorias de capital nas Sociedades anónimas, a média poupança que, por acaso, (a seguir explicamos porque acaso lhe chamamos), conseguiu obter uma meia dúzia de títulos de uma boa empresa vê-se na generalidade dos casos em riscos de lhe ser negada pela maioria de capital concentrado nas mãos de uma minoria de pessoas, a distribuição de um dividendo compensador, sendo os lucros da empresa distribuídos ou para fundos de investimento ou de reservas especiais ou bonificações da administração. Ao fim de algum tempo, o frustrado possuidor de uma meia dúzia de bons títulos, tenta desfazer-se deles, que estão certamente valorizados em relação à cotação inicial, acelerando o processo de concentração capitalista. Dissemos acima, que era um acaso a possibilidade da média poupança adquirir uma meia dúzia de bons títulos de participação numa empresa. E é um facto se o investimento é na realidade promotor, o apelo à subscrição do capital é feito pelo telefone aos amigos e quando surge para o público ou está totalmente subscrito ou o investimento não oferece garantias.

Com a continuação da política de taxas de juro baixas, a média poupança encontrou-se ausente no mercado de capitais, ou então em alguns casos interessou-se por empresas de construção civil que apesar de tudo ofereciam um juro julgado compensador.

Surgiram então os agentes do Faund of Faunds, muitíssimo bem informados do preço do capital português. E com certeza que exclamaram para si próprios — «Imaginem que há um país na Europa onde o juro de 40% é considerado muito bom!». Conhecedores igualmente da lista de pessoas que dispunham de mais mil dólares, ou que ganhavam o toto-



bola ou a lotaria, apareciam de porta em porta, eficientes, sedutores, mostravam a viabilidade de auferir um juro de 10 ou mais por cento, e metiam ao bolso a média e porque não pequena poupança portuguesa, e iam fazer os seus jogos de bolsa, resolvendo pontualmente os compromissos assumidos.

Só que o «boom» na cotação de títulos na bolsa de Nova York estacou antes de uma cotação esperada pelos jogadores suíços, que assistiram a uma certa desvalorização dos seus títulos, e à acusação de que a sua actividade viciava os mecanismos de bolsa. Significa portanto isto que a explosão inicial de oferta de dinheiro ao «Faund of Faunds» estava por si própria, em virtude das crivunstâncias, atenuada «et quand mêm»... o decreto restringindo e punindo a sua actividade surgiu.

Na realidade esses agentes desenvolveram uma actividade que era ilícita porque contrariava várias disposições legais e sobretudo as de comércio bancário. Mas nadaram por cá como peixe na água.

De repente Pavor! Toma-se consciência que não se sabe bem quantos milhões de contos emigraram como as andorinhas. Tocam os sinos a rebate, decreta-se em Dezembro, despacha-se em Janeiro. Põe-se a polícia tal como Sherlock Holms de lente em punho à procura de notas fúgitivas. E como muito bem até notou o Sr. João Coito — «O capital não tem alma» — (cito de memória, e muito antes já se dizia que não tinha pátria). Sussurrou-se que era gente grada quem tinha participação na operação, e afinal a gente grada já o tinha feito até muito antes de 1961, porque toma sempre as suas precauções.

Últimamente só aqueles que não conseguem participar remuneradoramente no mercado de capitais, que como já vimos eram a média e a pequena poupança.

Que se seja adepto de um sistema capitalista, ainda se pode compreender ainda que não aprovar; que esteja dentro dos esquemas de progresso e desenvolvimento capitalista a democratização do capital, igualmente compreendemos, adopta-se uma política financeira, que não consegue fazer participar as pequenas edonomias num mercado de capitais que seja remunerador, sabendo-se que algumas grandes empresas tem contraído empréstimos no estrangeiro a taxas de juro que se fossem oferecidas em Portugal, ninguém deixaria de acorrer a subcrevê-los. E depois atira-se à cara de cada um — Você é um desventrado patriota duma «cana», o que devia era ir pra prisão! E põem-se os agentes da ordem «à lufa lufa», ameaçadores e em virtude da «rerum natura», cheios de impotentes ameaças, porque o dinheiro que foi não volta, se aqui não forem considerados os esquemas económicos que favoreçam o seu regresso.

Isto nenhuma razão ponderada pode compreender.

A polícia a presseguir dinheiro que está xatisfeitíssimo a reproduzir-se na Suíça ou noutro lado qualquer, nas mãos de admiráveis habilidosos, que costumam usar lacinho elegante! «Negócio sem pés nem cabeça!

É de supor no entanto que o Doutor Oliveira Salazar conhecedor experiente de situação financeira que apresenta algumas semelhanças com a actual, consiga encarar de frente o problema, com o senso das realidades. E já foi dito por ele, há mesmo bastante tempo: *«Infelizmente nem o apelo patriotismo nem os discursos entusiastas, nem as críticas e abjuratórias, nem as ameaças socialistas-estas pelo contrário muito pelo contrário-podem nada contra os factos que, como vimos, tem uma natural explicação e um fundamento sério neste direito simples-o de cada um segurar o que é seu.»*

E assim chegamos ao fim deste comentário ao correr da pena, cheios de espanto, porque apsar de ser possível, enquadrar a situação em questão, dentro dos vícios de um sistema económico, sabemos que existem soluções para o problema, que esse mesmo sistema comporta, soluções que não são de modo algum policiais.

Se por acaso alguém souber de algum polícia que tenha conseguido repatriar uma só nota de dólar, diga-nos por favor...

144

«O TEMPO E O MODO» N.º 43

Provas enviadas à Censura em

28 de 2 de 1966



UMA EUROPA EUROPEIA E A INGLATERRA

Se a França está constituída à imagem e semelhança de De Gaulle, não é menos verdade que a Europa dos Seis é em termos actuais aquilo que o General pretende. Isto, entenda-se, dentro de certos limites, pois apesar de a França ter imposto em certos aspectos fundamentais do funcionamento e estrutura do Mercado Comum a sua posição, todavia vai perdendo alguns pontos que a longo prazo terão a sua importância e porventura serão decisivos. A comprovar a configuração da Comunidade Económica Europeia (ou Mercado Comum) de acordo com a óptica do impertinente General temos: o acordo de 30 de Janeiro de 1966 realizado em Luxemburgo entre os ministros dos negócios estrangeiros dos seis países do Mercado Comum, veio pôr termo à crise aberta em 1 de Julho de 1965 e representa um rude golpe na velha e grande aspiração portuguesa do europeu — a unificação da Europa sob a égide dum governo supra-nacional. — O tratado de Roma em 1957 instituiu a C. E. E. e no seu estatuto estava previsto para Janeiro de 1966 que o conselho da mesma organização passaria a decidir por maioria em substituição da regra da unanimidade exigida para que pudesse tomar qualquer decisão vinculativa para os Estados componentes. Também estava previsto a criação dum parlamento Europeu constituído por membros eleitos pelo processo de votação directa. Tudo isto foi um sonho que se esfumou sob a pressão e intransigência do governo Francês que impediu a evolução normal do C. E. E. para uma Europa supra-nacional, mantendo-se assim a Europa das Pátrias onde a França com De Gaulle continua a preponderar; A crise do mercado comum agrícola e a imposição da França à Alemanha da fixação dum preço

SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO
COM
CORTES

E. M. S

177



TEMPO E O MODO N.º 43

Provas enviadas à Censura em 28 de 2 de 1967

Ref. 1

CRISTICA DE NOTIGIÁRIO

Portugal

Portugal é um país de gente pacífica e laboriosa que anseia apenas a paz e a ordem, nunca se intrometendo com a vida dos outros povos. Com os olhos postos em Deus, na Pátria e na Família, os regimes alheios pouco ou nenhum interesse lhe dão, desejando somente grangear o suficiente para satisfazer as necessidades do seu lar e recrear-se um pouco conforme o seu gosto. A maioria vai até aos campos de futebol assistir a um desafio, outros vão até ao cinema e ainda outros preferem dar um passeio pelas ruas da cidade, distraíndo-se a ver as montras ou enfiados a verem a Televisão nos cafés, w um povo hospitaleiro e acolhedor, sempre disposto a receber bem as pessoas advenças, venham elas de onde vierem, sejam novos ou velhos, pretos ou brancos, a todos saúda e acarinha com a melhor das atenções, como eles próprios e confessam publicamente. Humilde e respeitador, procura com o seu trabalho receber a estima de quem serve, sacrificando-se em tudo para bem servir, cumprindo o seu dever profissional, honesto e disciplinado, consciente da sua missão, onde se encontra não per-

SERVIÇOS DE CENSURA
LISBOA
CORTADO

UM LUGAR



Era uma vez um lugar com um pequeno inferno e um pequeno paraíso, e as pessoas andavam de um lado para outro, e encontravam-nos, a eles, ao inferno e ao paraíso, e tomavam-nos como seus, e eles eram seus de verdade. As pessoas eram pequenas, mas faziam muito ruído. E diziam: é o meu inferno, é o meu paraíso. E não devemos malquerer às mitologias assim, porque são das pessoas e, neste assunto de pessoas, amá-las é que é bom. E então a gente ama as mitologias delas. À parte isso, o lugar era horrível. As pessoas chiavam como os ratos, e pegavam nas coisas e largavam-nas, e pegavam umas nas outras e largavam-se. Diziam: bom-dia, boa-tarde, boa-noite. E agarravam-se, e iam para a cama umas com as outras, e acordavam. Às vezes acordavam no meio da noite e agarravam-se freneticamente. Tenho medo — diziam. E depois amayam-se depressa, e lavavam-se, e diziam: boa-noite, boa-noite. Isto era uma parte da vida delas, e era uma das regiões (comovedoras) da sua humanidade, e o que é humano é terrível e possui uma espécie de palpitante e embígua beleza. E então a gente ama isto, porque a gente é humana, e amar é que é bom, e compreender, claro, etc. E no tal lugar, de manhã, as pessoas acordavam. Bom-dia, bom-dia. E desatavam a correr. É o meu inferno, é o meu paraíso, vai ser bom, vai ser terrível, está a crescer, faz-se homem. E a gente então comove-se, e apoia, e ama. Está mais gordo, mais magro. E o lugar começa a ser cada vez mais um lugar, com as casas de várias cores, as árvores, e as leis, e a política. Porque é preciso mudar o inferno, cheira mal, cortaram a água, as pessoas ganham pouco — e que fizeram da dignidade humana? — as reivindicações são legítimas. Não queremos este inferno. Dêem-nos um pequeno paraíso humano. Bom-dia, como está? Mal, obrigado. Pois se ontem estive a falar com ela, e ela disse: sou uma mulher honesta. E eu então fui para o emprego e trabalhei, trabalhei, e agora tenho algum dinheiro, e vou alugar uma casa decente, e o nosso filho há-de ser alguém na vida. E então a gente ama, porque isto é a verdadeira vida, palpita bestialmente ali, isto é que é a realidade, e todos juntos, e abaixo a exploração do homem pelo homem. E era horrível. Ouvimos dizer que, numa delas, o pequeno inferno começou a aumentar por dentro, e ela pôs-se silenciosa e passiva os dias a olhar para as flores, até que elas secavam. e ficava somente a jarra com os caules e a água podre. Mas o silêncio tornava-se tão impenetrável que os gritos dos outros, e a solícita ternura, e a piedade em pânico — bqtiam ali e resvalavam. E então a beleza florescia naquele rosto, uma beleza fria e quieta, e o rosto tinha uma luz especial que vinha de dentro, como a luz do deserto, e aquilo não era humano — diziam as pessoas. E temos medo — pensavam. E o ruído delas caminhava para trás, e as casas amorteciam-se ao pé dos jardins, mas é preciso continuar a viver. E havia o progresso. Eu tenho aqui, meus senhores, uma revolução. Desejam examinar? Por este lado, se fazem favor. Aí à direita. Muito bem. Não é



uma boa revolução? Bem, compreende... Claro, é uma belíssima revolução. E é barata? Uma revolução barata? Não, senhor, esta é uma verdadeira revolução. Algumas vidas, alguns sacrifícios, alguns anos, algumas... É um bocado cara. Mas de boa qualidade, isso... E o resto, que se perdera, que possivelmente caíra do corpo e rolara debaixo das cadeiras, o rosto? Lembra-se? Como foi que ficou assim? Não sei: tinha uma luz. Sim, lembro-me: parecia uma flor que apodrecesse friamente. Era horrível. Boa-noite. E ela trazia um vestido de seda branca, e nesse dia fazia dezoito anos, e estava queimada do sol, e era do signo do Aquário, e tomou os comprimidos todos, e acabou-se. Não compreendo. E julgas tu que eu compreendo? Quem pode compreender? Ela era a própria força, aquela irradiante virtude da alegria, aquele fulgor radical..., compreendes? Sim, sim. Tinha um vestido de seda, e era nova, e então acabou-se. Para diante, para diante. Não se deve parar. Enforcuem-nos, a esses malditos banqueiros. Este vai ter trinta e cinco andares, será o mais alto da cidade. Por pouco tempo, julgo eu. Como? Sim, vão construir um com trinta e seis, ali à frente. Remodelemos o ensino. Cantemos esta pequena canção que fala da flor da tília. Bebamos um pouco. E o outro, o outro, o que viu Deus, quando caminhava para o emprego?! Isto, imaginem, às 8 h. e 48 m. de uma manhã de Março. Uma partida. Uma partida de Deus? Boa piada. Não amará Deus essas maliciosas surpresas? Um pequeno Deus folgazão? Folgazão?! Ele ficou doido. Começou a gritar e a fugir. Que Deus vinha atrás dele. E depois? Bem, lá construíram o prédio com trinta e seis andares, e o outro ficou em segundo lugar. Isto é o trabalho do homem: pedra sobre pedra. É belo. Vamos amar isto? Vamos, é humano, é do homem. E então as crianças cresceram todas, e andavam de um lado para outro, e iam fazendo pela vida — como elas próprias diziam. E então as condições sociais...? Sim, melhoraram muito. Mas uma delas começou a beber, e depois o coração estoirou, e dela apenas ficou para os outros uma memória incómoda. Parece que sim, que tinha demasiada imaginação, e levaram-na ao médico, e ele disse: aguenta-se, e ela não se aguentou. Era uma criança. Não, não, nessa altura já tinha crescido, bebia pelo menos um litro de brandy por dia. Nada mau, para uma antiga criança. A verdade é que era uma criança, e não aguentou, quando o médico disse: aguenta-se. E as ruas são tão tristes. Precisam de mais luz. Mas nesta, por exemplo, já puseram mais luz, e mesmo assim é triste. É até mais triste do que as outras. Estou tão triste. Vamos para férias, para o pequeno paraíso. Contaram-me que ele tinha uma alegria tão grande que não podia aguentar um copo na mão: quebrava-o com a força dos dedos, com a grande força da sua alegria. Era um ser excepcional. Depois foi-se embora, e até já desconfiavam dele, e ele embarcou, e talvez não houvesse lugar na terra para ele. E onde está? Mas era uma alegria bárbara, uma vocação terrível. Partiu. E agora chove, e vamos para casa, e tomamos chá, e comemos aqueles bolos de que tu gostas. E depois, e depois? Ele era belo e tremendo, com aquela sua alegria, e não tinha medo, e só a vibração interior da sua alegria fazia com que os copos se partissem entre os dedos. Foi-se embora.

D



178

«O TEMPO E O MODO» N.º 38

Provas enviadas à Censura em 28-2 de 1967



turba o sossego de ninguém, deixando-os viver à sua maneira sem que isso lhes dê cuidados ou preocupações.

Ecos de Extremoz — 15-1-967

Se nos deixassem

E nós, portugueses, também tivemos de pegar em armas e ir defender da cobiça alheia as nossas Províncias de Angola, Moçambique e Guiné. E ainda por cima, exactamente por nos defendermos daqueles que nos atacam, somos acusados, vilipendiados, ameaçados. Há até, quem na Organização das Nações Unidas (que mais não é do que a Organização das Nações Desunidas), tenha afirmado que nós constituímos uma verdadeira ameaça para a paz mundial. Ora vejam bem! Nós, que se nos deixassem pacificamente jogar à bola, petiscar qualquer coisa e beber uns copos de carrascão, viveríamos contentes e felizes, é que vamos pôr o Mundo em pé de guerra! Há cada um!!!...

Notícias de Basto — 4-11-967

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

Touradas e portuguesa

Por iniciativa da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau que custeou os encargos com a sua realização, os habitantes de Macau e Hongkong tiveram, pela primeira vez na história desta província portuguesa, a oportunidade de assistir às TOURADAS à portuguesa. E o êxito foi de tal ordem que em dez corridas levadas a efeito estiveram presentes mais de 60.000 pessoas e mais teriam assistido se a capacidade do recinto pudesse alojar mais pessoas. Pode dizer-se que foi uma experiência coroada de retumbante êxito e que a população chinesa foi inteiramente conquistada pela actuação dos nossos toureiros.





Por muitas razões, seria naturalmente conveniente que este género de espectáculo se perpetuasse em Macau. As correntes turísticas aumentariam com toda a certeza, pois sabemos que tanto o Japão como em outros países do Oriente há grande entusiasmo pelas Touradas à portuguesa.

Diário Popular — 24-12-966

«Comunidades de interesses»

Na sua mensagem de Ano Novo, disse o Governador de Macau:

— Devido aos condicionalismos, de sobejo, conhecidos, que impendem sobre a vida de Macau, perante as grandes realidades da hora presente nesta área geográfica do mundo em que vivemos, só uma perfeita compreensão de portugueses e de chineses — ou seja, de toda a população — poderá levar ao reconhecimento de que existe uma verdadeira «comunidade de interesses», desta forma mais rapidamente se podendo restabelecer a habitual confiança, sem o que Macau verá gravemente afectada a sua prosperidade económico-financeira que tanto depende, como se sabe e em larga medida — de afluxo de capitais e de uma forte corrente de turistas e visitantes. A prosperidade económica alcançada nos últimos anos tem de ser mantida e há que prosseguir no esforço por umas mais equitativa distribuição de bens. mas eu tenho esperança de que Macau voltará a inspirar a máxima confiança. Para isso eu conto convosco como todos podem contar com o governador.

Diário de Lisboa — 6-1-967

Importantes serviços ao País

O director, o inspector-superior, os sub-directores, inspectores e outros funcionários da P. I. D. E. estiveram, ao começo da

180

Provas enviadas à Censura em

28. de ... 2 de 1967



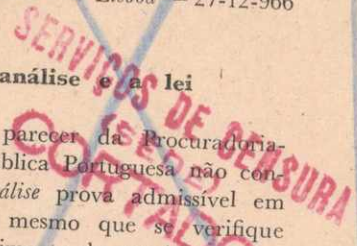
tarde, no gabinete do ministro do Interior, ao qual apresentaram cumprimentos de Fim de Ano.

O major Silva Pais, falando em nome da corporação, saudou o dr. Santos Júnior e disse que a P. I. D. E. está na determinação de continuar a servir o País, no âmbito da sua competência, quer na Metrópole, quer no Ultramar, sem olhar à canseiras e sacrifícios de toda a ordem, mesmo os da própria vida, como sucedeu, há dias, em Angola, com um chefe de brigada.

Ao agradecer e retribuir os cumprimentos, o titular da pasta do Interior disse que a P. I. D. E. tem prestado importantes serviços ao País, exaltando o seu papel nos diversos sectores da sua esfera de acção.

Diário de Lisboa — 27-12-1966

A narcoanálise e a lei



Um recente parecer da Procuradoria-Geral da República Portuguesa não considera a *narcoanálise* prova admissível em processo penal, mesmo que se verifique o prévio consentimento do arguido. A *narcoanálise* é um método diagnóstico e terapêutico utilizado pela Medicina em certas doenças mentais e que consiste em provocar o chamado «estado crepuscular da consciência», mediante a injeção de determinadas drogas. Estas provocam a eliminação de certas resistências e inibições, e o doente torna-se loquaz, revelando muitos factos que, em estado consciente, nunca contaria ao médico. Por isso, tais drogas foram alcunhadas de *soros da verdade*.

Ora este método, segundo o referido parecer, oferece resultados positivos com fins médicos, mas não é admissível em processo penal, como instrumento de prova, quer seja favorável ou desfavorável ao réu.

Diário de Lisboa — 7-1-1967



181

«O TEMPO E O MODO» N.º 53

Provas enviadas a Censura em 25 de 20



Descoberta em Evora uma fraude destinada a isentar mancebos do serviço militar

Evora, 13 — As autoridades militares de Evora estão a proceder a averiguações sobre uma importante fraude, praticada nesta cidade e destinada a isentar do serviço militar mancebos, cujo total ainda não está apurada.

Como autor dessa fraude, acha-se implicado um sargento do Exército, já detido. Entretanto, todos os indivíduos isentos por esse processo — e pelo qual pagaram avultadas importâncias — deverão ser submetidos a inspecção militar, independentemente de figurarem como co-réus no processo em organização.

Diário de Lisboa — 13-1-1967

Capital, juro e patriotismo

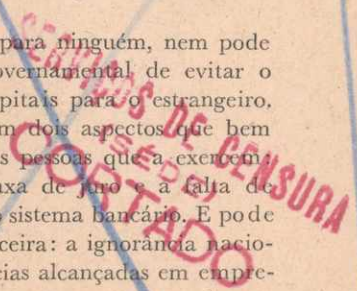
Não é segredo para ninguém, nem pode ser, a medida governamental de evitar o escoamento de capitais para o estrangeiro.

Essa prática tem dois aspectos que bem definidos são pelas pessoas que a exercem: uma mais alta taxa de juro e a falta de confiança no nosso sistema bancário. E pode ter ainda uma terceira: a ignorância nacional das importâncias alcançadas em empresas e negócios de que nunca se soube ao certo o valor.

E o mais triste é que, segundo corre, os autores dessa iniciativa antipatriótica são, no geral, trunfos da nossa indústria e do nosso sistema comercial, e que se dizem arautos de uma felicidade elevada da nossa conta pública.

Querem a felicidade, o progresso do País, mas vão pôr o dinheiro fora da alçada do sistema bancário, isto é, económico nacional.

A utilização dos dinheiros depositados nos bancos é que lhes dá o lucro, sabe-se



182

«O TEMPO E O MODO» Nº 335

Provas enviadas à Censura em 28



são, no geral, trunfos da nossa indústria e do nosso sistema comercial, e que se dizem arautos de uma felicidade elevada da nossa conta pública.

Querem a felicidade, o progresso do País, mas vão pôr o dinheiro fora da alçada do sistema bancário, isto é, económico nacional.

A utilização dos dinheiros depositados nos bancos é que lhes dá o lucro, sabe-se bem. Com esse movimento de capital muito se faz de bom para a Nação. Os bancos nacionais estão promovendo uma maior acção, criando sucursais em muitas localidades da província e inaugurando novas modalidades de sistemas para uma maior contribuição pró riqueza nacional. Pois em réplica a isto os capitalistas portugueses (não são todos, sabe-se) arrastam os seus dinheiros para bancos estrangeiros. O que demonstra que esses lhes merecem mais confiança do que os nacionais.

A Rabeca — 12-1-967

Uma carta ao «Diário de Lisboa»

O Empréstimo Consolidado dos Centénrios

Recebemos a seguinte carta, firmada por G. Correia, que remetemos ao interesse das entidades competentes:

«Sr. director: — Como leitor assíduo do vosso importante jornal e, aplaudindo as medidas de repressão das exportações ilícitas de capitais para o estrangeiro, como acabo de ler no «Diário de Lisboa», venho pedir a V. o favor de se dignar chamar a atenção de S. Ex.^a o sr. ministro das Finanças para o que se está a passar, na Bolsa de Lisboa, com os títulos «Obrigações do Empréstimo Consolidado dos Centenários» (4 %, 1940), do valor nominal de 2000000 cada, e que, em pequeno espaço de tempo, se têm desvalorizado, dia a dia, estando presentemente no valor de 1685000!...

«Supomos que a desvalorização destes e de outros títulos do Estado Português,

RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA, FIRMADA POR G. CORREIA, QUE REMETEMOS AO INTERESSE DAS ENTIDADES COMPETENTES. CORTADO

183

«O TEMPO E O MODO» N.º 535

Provas enviadas à Censura em

28 de 2 de 1966



e do progresso social da sua população.
Fez votos no sentido de que «a nossa economia se desenvolva com o ritmo desejável, que cresçam e se multipliquem os instrumentos da produção nacional, por forma que em breve regressem aos seus lares muitos daqueles que, roídos de saudade, deixaram a Pátria em demanda de melhores condições de vida, para si e para os seus» e terminou dizendo:

— Que vós possais estreitar em vossos braços, quanto antes, os filhos e os irmãos que labutam em terra estranha; mas acima de tudo que eles nos encontrem como nos deixaram, como bons portugueses, como patriotas sem mácula, dignos dos vossos outros filhos e irmãos que a esta hora, em Angola, em Moçambique ou na Guiné, derramam generosamente o sangue e arriscam heróicamente a vida em defesa da Pátria comum.

Diário de Lisboa - 18-12-966

Problema bem solucionado

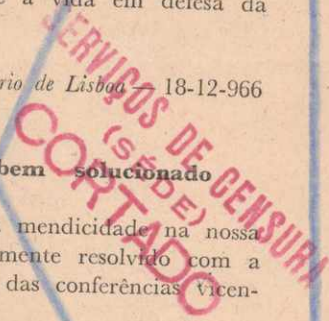
O problema da mendicidade na nossa terra está praticamente resolvido com a benemérita acção das conferências vicentinas.

Todos os indigentes estão devidamente identificados e os vicentinos visitam-nos habitualmente, levando-lhes o seu conforto moral e o respectivo subsídio.

Não têm necessidade de recorrer à caridade pública e todas as pessoas que, na sua generosidade, queiram socorrer os pobres, encaminham os seus donativos através das Conferências vicentinas.

Está, de facto, solucionado o problema. Mas à quarta-feira são às dezenas os pobres que vêm fazer a sua «feira».

Vêm de comboio, a pé, e até de camionete e por aqui passam o dia. Uns, serão, de facto, necessitados, mas outros talvez não o sejam e exploram a caridade, pública exibindo crianças ao colo ou pela mão



f

184

«O TEMPO E O MODO» N.º 55

Provas enviadas à Censura em
28 de 2 de 1967



que, ultimamente, se tem verificado, deve ser obra desses traficantes e maus portugueses, que assim pretendem captar os portadores de pequenas poupanças e canalizar a referida fuga de capitais para o estrangeiro, o que deve ser esgrimido com urgência, para estimular o mercado de capitais portugueses.»

Diário de Lisboa — 11-1-1967

Uma carta ao Menino Jesus

«Eu sou pobre, chamo-me Adelino José Soares Pinto, tenho 8 anos e ando na 2.ª classe. Mataram o meu pai em Angola e 14 pessoas da minha família. Estou a estudar por esmola e a minha professora e os meus colegas é que me vestem. A minha mãe trabalha muito para eu ser homem. Minha mãe tranalha no liceu e não ganha os três meses de férias. Menino Jesus que estás no Céu, ajuda-me com uma bolsa de estudo para eu ser feliz um bocadinho. Se o Menino Jesus me der a bolsa, os meus colegas fazem uma festa. Vou rezar muito para ser sempre bom aluno para dar gosto a quem me ajuda. Beijinhos do Céu.»

Diário Popular — 28-12-1966

O Ministro da Justiça e o direito à emigração

O ministro acentuou que deve «orientar-se não só a repressão penal da emigração clandestina, mas toda a política legislativa e administrativa referente à emigração em geral», o que permite chegar, entre outras, a duas conclusões: «a primeira é a de que nenhum ilogismo existe entre o agravamento das penas aplicáveis aos engajadores e a manutenção das sanções decretadas contra os emigrantes clandestinos; a segunda é a de que importa estimular todos os meios indirectos de combate à emigração, sobretudo melhorando as condições de remuneração do trabalho, através do desenvolvimento económico do País.

SERVIÇOS DE CENSURA
CORTADO



185

28

2



talvez não sejam filhos.

w um espectáculo deprimente, abusivo mesmo, pela insistência com que pedem. E sabemos lá a quem damos a nossa esmola...

Parece-nos que a autoridade devia intervir e enérgicamente, não permitindo esta avalanche de mendigos que nos «visitam» e se actuasse duas ou três vezes, não seríamos mais importunados por estranhos.

Notícias de Família — 20-1-1967

Propriedade de terrenos no Ultramar

Um decreto, pelo Ministério do Ultramar, permite que os possuidores ilegítimos de terrenos da propriedade pública das províncias ultramarinas ou das autarquias locais requeiram, no prazo de um ano, que lhes sejam conferidos, gratuitamente, títulos de propriedade plena, passados nos termos do Regulamento da Ocupação e Concessão de Terrenos, aprovado pelo Decreto n.º 43 894, ou dos forais.

Diário de Lisboa — 6-1-1967

Foi suspenso o imposto de defesa para os militares em Moçambique

Pela pasta do Ultramar foi hoje publicada na folha oficial uma portaria na qual se diz que «seja suspenso na província de Moçambique, enquanto as circunstâncias o aconselharem, o imposto de defesa que incide sobre os vencimentos ilíquidos dos militares do Exército, da Armada e da Força Aérea integrados nas forças armadas estacionadas na província.

Diário de Lisboa — 1-1-1967

Estrangeiros turbulentos

Os dois indivíduos que, anteontem, à noite, foram detidos por terem originado uma desordem à porta de uma «boite», próximo do Parque Mayer, um francês e

186

«O TEMPO E O MODO»

Provas enviadas à

28

de

2



outro belga — caso a que nos referimos — não responderam hoje no Tribunal de Polícia em consequência de terem sido enviados à P. I. D. E.

Diário de Lisboa — 9-1-1967

Iminente nova iniciativa de Tschombé

LONDRES, 11 — (F. P. — Estaria iminente nova tentativa de Tschombé para se apossar do Poder — segundo o correspondente do «Guardian» em Genebra. O jornalista acrescenta que aquele político limitar-se-ia, desta vez, à Katanga.

Apesar dos desmentidos, diz o correspondente que Tschombé procedera, há meses, ao recrutamento de mercenários e à compra de armas, faltando-lhe saber se alguns dos chefes dos mercenários ao serviço do general Mobutu estariam dispostos a passar-se para o seu lado.

Diário de Lisboa — 11-1-1967

Um pedido espanhol

MADRID, 16 — O ministro e secretário-geral do movimento, José Solis Ruiz, pediu ao Mundo que «compreenda e ajude a Espanha, nesta data de reconciliação dos espanhóis, que a deixe em paz no exterior, e que se preocupe, antes, em resolver os seus próprios problemas.»

O ministro relatou também a campanha que fez pelo país a favor do referendo, durante o qual — disse — «fui abraçado pelo público como se fosse El Cordobés».

Quanto à aprovação da Lei Orgânica, Solis Ruiz acentuou que se «inicia uma etapa muito, importante, na qual há que actualizar leis, consultando o povo».

A respeito da reestruturação dos sindicatos, notou que prosseguirão com a nova categoria correspondente jurídica, mas não governamental.

«A Falange — afirmou mais à frente —



187

«O TEMPO E O MODO» N.º 55

Provas enviadas à Censura em 28 de ... de 1967



é uma doutrina, um movimento não é um grupo de pessoas e o seu sindicalismo actual conta com colaboradores que militaram no campo vermelho». — (ANI)

Diário de Notícias — 17-1-1966

Ainda as declarações de Spellman

NOVA YORK, 2 — (F. P.) — As recentes declarações do cardeal Spellman no Vietnam decidiram o Vaticano a separar, no futuro, as funções de Arcebispo de Nova York e de chefe dos capelães católicos das Forças Armadas americanas — escreve o semanário «Ne-És-Écek» na sua rubrica «Periscópio». A disposição tornar-se-ia efectiva quando o cardeal se demitir, devido à sua idade, das funções de arcebispo de Nova York.

Diário de Lisboa — 2-1-1967

Milhares de pessoas assistiram ao funeral do bispo de Beira

LOURENÇO MARQUES, 28 — Mais de trinta mil pessoas estiveram presentes no funeral de mons. Sebastião Soares de Resende, primeiro bispo da Beira.

Assistiram às exéquias o governador-geral de Moçambique, autoridades civis e militares, o arcebispo de Lourenço Marques e os bispos de todas as dioceses do território.

O bispo da Beira, conhecido pelas suas opiniões liberais, tinha nascido em 14 de Junho de 1906. Ordenado em 1928, frequentou a Universidade Gregoriana em Roma, onde recebeu o doutoramento em Filosofia. Era também diplomado em ciências políticas pela Universidade de Bergamo.

Nomeado bispo da Beira em 1943, mons. Soares de Resende publicou várias cartas pastorais, criou um seminário para preparação dos padres africanos negros e, em 1950, fundou na Beira um jornal, o

788

«O TEMPO E O MODO» N.º 53

Provas enviadas 28 de 2 de 1967



«Diário de Moçambique». — (F. P.).

Primeiro de Janeiro — 28-1-967

Teatro Popular

O Teatro Popular de Lisboa leva à cena, amanhã à noite, na Sociedade da matinha, com sede no Largo do Intendente, a peça em três actos «Quando a verdade mente», da autoria do dr. Costa Ferreira. A representação, com início às 21 e 30 está incluída na programação cultural do Município tendente a servir o sector da população de Lisboa menos favorecida de condições económicas.

Diário de Lisboa — 24-12-966

Na Assembleia Nacional

Usou, depois, da palavra o deputado Augusto Simões, que exaltou o notável comportamento da selecção nacional no último campeonato mundial de futebol, dizendo que, através do desporto, «Portugal afirmou ao mundo a sua vivência e a alta valia das suas invejadas virtudes».

Diário de Lisboa — 14-12-966

David, Golias, o Clero, o Vitória e o Sporting

Transcrevemos, a seguir, na íntegra o lapidar discurso do Padre António Guimarães, que A BOLA reproduziu em 15-10-966 e que nos tinha lamentavelmente escapado.

— A presunção (vaidde, afectação, pedantismo) é um vício que faz que, cheios do bom conceito de nós mesmos, confiemos nas nossas próprias forças, na nossa inteligência, nos nossos talentos, na nossa virtude, como se não dependessemos de

SERVIÇO DE CENSURA
CORTEADO

189



Deus.

«A presunção é reprovada em todas as páginas da Sagrada Escritura. w uma impiedade. w uma insensatez (demência). Deus amaldiçoa os presunçosos. Amaldiçoa o homem que confia no homem e, por conseguinte, em si mesmo, pois não é mais do que um homem. Deus tem o supremo domínio sobre todas as coisas. Nós sabemos que, confiando em Deus, tudo podemos. O homem mais fraco pode tudo. Vejamos: David prostra Golias; Judite derrota um numeroso exército. O exército dos filhos confiava na suas forças e é destroçado, a pedido desta mulher dorte...

«Agora, o reverso da medalha. O dr. Pereira da Silva (vice-presidente do clube «leonino») diz: «O Sporting nada tem a ver com o protesto do Vitória de Guimarães. Diz mais: «Morais tinha a carta na mão; trouxe-nos a rescisão do contrato com o Treze Futebol Clube... Que católico extraordinário!

«...w esta a posição do Sporting. E Moraes já é nosso jogador...» Como são os homens!!!!... Sem Conhecer o texto do contrato e ter a desfaçatez de vomitar estas frases incoerentes. Que pena. Causa dó!...

«Por isto é que este e outros são presunçosos e nós vamos amaldiçoa-los, vamos cortar-lhes a confiança, porque a nossa precisão deles é nula, atendendo a que, em qualquer parte do orbe terráqueo, há terra para o corpo e Deus para a lama. w preciso ter consciência e esses não a têm. A consciência é a lei das leis. Lei que deve ser respeitada e obedecida, sempre e em toda a parte. Se se desencadeasse um conflito entre esta lei interna e pessoal e uma outra lei externa, sejam quais forem os riscos e correr, é a consciência que deve dar a última palavra. w ela que devemos seguir.

«Para certos elementos da Federação e certos cavalheiros (que não merecem este termo) de alguns clubes grandes e grandes nas dívidas, como dizia um finalista da Universidade de Coimbra, esta palavra

190
28
consciência é palavra morta. A esses, dias
tristes os esperam. O remorso liquidá-los-á.
Se não atendemos:

«Um dia, appareceu a mulher de Urias (Betsabé), no palácio de David. Urias tinha morrido. Ninguém se enganava. Tinha-se cochichado baixinho primeiro acerca do crime; depois, acerca do odioso assassinato que o devia cobrir. volta de David os cortezãos guardavam silêncio e o Rei dormia em paz, enganado pela comédia desta ignorância fingida. E o Senhor disse a Nathan: «Já que os outros se calam, vai tu e fala»!!! O profeta levantou-se, partiu e apresentou-se nos aposentos reais. «Oh, Rei! Havia, numa cidade, dois homens. Um rico e outro pobre. O primeiro tinha grandes rebanhos de ovelhas. O pobre possuía uma apenas que tinha criado, que visto crescer como se fosse um dos seus filhos, que vinha comer do seu pão, beber da sua taça, dormir no seu regaço. Queria-lhe como se quer a um filho. Mas eis que, um dia, apparece um estrangeiro de visita ao rico. Este, para oferecer um banquete em honra do hóspede, não toca nas suas ovelhas, mas vai pelo contrario roubar a do pobre vizinho... Viva o Senhor teu Deus grita Davide. Um homem que cometeu semelhante crime é digno de morte!!! Esse homem és tu!!!, replica-lhe Nathan, à queima-roupa.

«Assim faz Deus para connosco. Nathan é o remorso. Ele se ergue diante de nós reprovando as nossas fraquezas e infâmias. Ouviremos sempre a sua voz grada e firme. «Esse homem és tu!...»

«Obedecemos sempre à consciência. Sejam homens sinceros e leais, de modo que as nossas palavras estejam em conformidade com as nossas ideias e os nossos actos com as nossas palavras, Não tenhamos outro estimulante, outro juiz senão ela. Cortemos relações com eles, cortemos porque cortá-las não é ódio, simplesmente não teremos outro remorso.

«Viva o Vitória!...»

